publicações SEI

# Boletim de Conjuntura da Bahia

2º TRIMESTRE DE 2023

Boletim de

# Conjuntura da Bahia

2º TRIMESTRE DE 2023

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
**Jerônimo Rodrigues**

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
**Cláudio Ramos Peixoto**

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA – SEI
**José Acácio Ferreira**

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (DISTAT)
**Armando Affonso de Castro Neto**

DIRETORIA DE PESQUISAS (DIPEQ)
**Rodrigo Barbosa de Cerqueira**

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)
**Arthur Souza Cruz Júnior**

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (COPES)
**Luiz Fernando Araújo Lobo**

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS (COREF)
**João Paulo Caetano Santos**

ELABORAÇÃO TÉCNICA
**Luiz Mário Ribeiro Vieira** (Cenário Internacional, Nacional e Estadual)
**Carla Janira Souza do Nascimento** (Agropecuária e Produção Industrial)
**Elissandra Alves de Brito** (Comércio Varejista)
**Rosangela Conceição** (Serviços e Turismo)
**Arthur Souza Cruz Junior e Henrique Rocha Reis** (Comércio Exterior)
**Eduardo Augusto Santos Brito,Gabriel Oliveira Barbosa e Marília Jane Campos** (Finanças Públicas)
**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e Carol Vieira** (Produto Interno Bruto)
**Luiz Fernando Araújo Lobo** (Mercado de Trabalho)

COORDENAÇÃO EDITORIAL
**Zélia Maria Abreu Góis**

NORMALIZAÇÃO
**Eliana Marta Gomes Silva Sousa**

EDITORIA-GERAL
**Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais**

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO
**Ludmila Nagamatsu**

DESIGN GRÁFICO
**Vinícius Luz Assunção**

REVISÃO LINGUÍSTICA
**EGBA**

EDITORAÇÃO
**Perivaldo Barreto Pereira** (Autor Visual Design Gráfico)

SEI SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
GOVERNO DO ESTADO BAHIA
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

# SUMÁRIO


PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL ..... 5

Cenário Internacional ..... 5

Cenário nacional ..... 10

Cenário estadual ..... 16

AGROPECUÁRIA ..... 20

Cenário Brasil ..... 20

Cenário Bahia ..... 20

Outras lavouras permanentes e temporárias ..... 23

PRODUÇÃO INDUSTRIAL ..... 25

COMÉRCIO VAREJISTA ..... 30

SERVIÇOS ..... 36

TURISMO ..... 39

COMÉRCIO EXTERIOR ..... 43

IMPORTAÇÃO ..... 51

FINANÇAS PÚBLICAS ..... 54

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) ..... 61

PIB baiano cresce 2,7% no segundo trimestre de 2023 ..... 61

PIB em Valor Corrente ..... 61

MERCADO DE TRABALHO ..... 67

# PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira
*lmario@sei.ba.gov.br*

## Cenário Internacional

No segundo trimestre de 2023, as principais economias do mundo apresentaram resultados satisfatórios para o Produto Interno Bruto (PIB), diante do cenário de elevação das taxas básicas de juros nos Estados Unidos e Zona do Euro. Os fatores que influenciaram essa decisão decorreram da trajetória ainda pressionada do núcleo de inflação e do forte ritmo do mercado de trabalho.

Na China, o crescimento econômico ficou aquém das expectativas mais otimistas do começo do ano, levando o governo a ser cauteloso ao anunciar estímulos. Os dados de atividade seguem mostrando moderação do ritmo de crescimento. O consumo perdeu impulso em relação ao início do ano. A indústria e o setor imobiliário têm demonstrado baixo rendimento em decorrência tanto da demanda doméstica como da externa. A confiança empresarial e do consumidor tem diminuído, e a taxa de desemprego entre jovens atingiu níveis historicamente elevados.

A terceira economia do mundo, o Japão, apresentou um crescimento expressivo no segundo trimestre e surpreendeu alguns economistas que esperavam uma expansão mais moderada.

Por sua vez, a guerra entre Rússia e Ucrânia continua como fator de incerteza global, enquanto a continuidade da elevação das taxas de juros básicas na Europa e Estados Unidos permanece indefinida pelos dois principais bancos centrais do mundo, embora a inflação apresente leve queda no mundo.

Cada região ou país tem suas peculiaridades, portanto, serão destacados quais fatores contribuíram positivamente ou negativamente para o desempenho do PIB dos Estados Unidos, da China, da Zona do Euro e do Japão,além das previsões para 2023.

O PIB dos Estados Unidos cresceu 2,4% no segundo trimestre de 2023, de acordo com a primeira estimativa divulgada pelo Departamento de Comércio desse país. O resultado ficou acima da estimativa de analistas. No primeiro trimestre, o PIB americano havia mostrado expansão anualizada de 2,0%.

O crescimento da economia dos Estados Unidos foi mais rápido do que o esperado no segundo trimestre, uma vez que a resiliência do mercado de trabalho sustentou os gastos do consumidor. As empresas aumentaram o investimento em equipamentos, mantendo

a recessão potencialmente afastada no curto prazo, diante de uma política monetária contracionista, desde março de 2022, com 525 pontos-base de aumentos da taxa de juros pelo Federal Reserve (Fed) para combater a inflação.

O aumento dos gastos de consumo repercutiu no desempenho tanto de serviços quanto de bens. No setor de Serviços, os principais contribuintes para o aumento foram os segmentos de *Habitação e serviços públicos*, Saúde, *Serviços financeiros e seguros* e *Serviços de transporte*. O investimento fixo apresentou crescimento de 4,9% no segundo trimestre de 2023, após quatro trimestres consecutivos de queda, devido ao avanço do investimento fixo não residencial. Já os gastos do governo, por sua vez, vêm crescendo desde o terceiro trimestre de 2022, registrando taxa de 2,6% no segundo trimestre de 2023 ante o aumento de 5% no trimestre anterior.

A economia americana está sendo ancorada pelo mercado de trabalho. As empresas estão acumulando trabalhadores depois de terem tido dificuldades em encontrar mão de obra durante a pandemia da covid-19. O emprego no segmento de *Lazer e hotelaria* permanece abaixo dos níveis encontrados no período de pré-pandemia. A taxa de desemprego não está muito longe das mínimas registradas ao longo de várias décadas, e acusou 3,6% em junho de 2023.

Alguns economistas estão convencidos de que os efeitos defasados dos juros serão sentidos pelos consumidores. Estes argumentam que os custos de empréstimos mais altos acabarão tornando difícil financiar seus gastos por meio de dívidas. Também observaram que os bancos estão restringindo o crédito, e que o excesso de poupança acumulado durante a pandemia continua a diminuir. Diante desse cenário, uma desaceleração no crescimento da economia americana pode aparecer no segundo semestre.

A economia da China cresceu 6,3% no segundo trimestre de 2023 em relação ao mesmo período do ano anterior. Segundo dados do governo chinês, divulgados pelo Escritório Nacional de Estatísticas (NBS, na sigla em inglês), o crescimento foi impulsionado pela recuperação nas vendas no varejo e no setor de Serviços e, em parte, graças a um baixo efeito de base. Na comparação com o trimestre anterior, houve alta de 0,8%. O crescimento de 6,3% no PIB da China superou a taxa de 4,5% registrada no trimestre anterior. No primeiro semestre de 2023, o PIB cresceu 5,5% em relação ao ano anterior, acima da meta anual do governo de Pequim, que era de 5,0%.

No entanto, está abaixo dos 7,0% (ou mais) que os analistas haviam previsto. Mesmo assim, em termos anuais, o crescimento econômico avançou, beneficiado pela base de comparação favorável de 2022, quando a atividade entrou em queda livre em razão dos *lockdowns*

esporádicos impostos por uma política governamental cujo objetivo era eliminar até os menores surtos de covid-19.

Segundo o NBS, a demanda do mercado recuperou-se gradualmente no segundo trimestre, enquanto a produção e a oferta continuaram a aumentar. Os investimentos em ativos fixos da China aumentaram 3,8% em relação ao segundo trimestre de 2022, com efeitos positivos sobre a atividade econômica, embora um processo de desaceleração seja evidente quando se observam os dados de junho: o crescimento das vendas no varejo foi de 3,1% contra 12,7% em maio e 18,4% em abril. Os números da produção industrial e dos investimentos em ativos fixos são também modestos para o padrão chinês: 4,4% ao ano (a.a.) e 3,0% a.a., respectivamente.

A terceira maior economia do mundo, o Japão, cresceu 6,0% no período de abril a junho de 2023, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, marcando o terceiro trimestre consecutivo de expansão, de acordo com dados preliminares divulgados pelo governo japonês. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, subiu 1,5%.

A economia do Japão cresceu muito mais rápido do que o esperado para o segundo trimestre, como avanço das exportações de automóveis e do fluxo de turistas. Segundo os dados oficiais, o forte aumento nas exportações mais do que compensou os resultados menos favoráveis tanto para o investimento empresarial quanto para o consumo privado.

As exportações líquidas contribuíram com 1,8 ponto percentual (p.p.) para a expansão da economia japonesa, superando estimativas consensuais de 0,9 p.p.. Mas o consumo privado, equivalente a mais da metade da economia do Japão, caiu 0,5% ante o trimestre imediatamente anterior, motivado pelo impacto do aumento nos preços de alimentos e eletrodomésticos. Embora os dados do PIB forneçam algum alívio para as autoridades que buscam equilibrar o crescimento econômico com a inflação sustentável, eles mascaram a fraqueza subjacente no setor doméstico. Esse quadro é evidenciado com a atuação do Banco Central Japonês que, mesmo com a inflação interanual atingindo 3,3% em junho, mantém a principal taxa de juros de curto prazo inalterada em -0,1%, desde setembro de 2016, em razão de o país apresentar um histórico de inflação baixa e deflação.

De acordo com estimativas anunciadas pela Agência de Estatísticas da União Europeia (Eurostat), o PIB da Zona do Euro cresceu 0,6% no primeiro trimestre de 2023 em relação ao segundo trimestre de 2022, o que mostra uma desaceleração ante o aumento anual de 1,1% registrado no primeiro trimestre de 2023. Já na comparação trimestral, a economia da Zona do Euro subiu 0,3% no segundo trimestre de 2023, em comparação com o trimestre imediatamente anterior.

Entre os países com dados disponíveis para o segundo trimestre de 2023, destaca-se a França, que apresentou crescimento de 0,5% ante 0,1% no período anterior. Já a Alemanha, após apresentar duas quedas seguidas no PIB, registrou crescimento nulo no segundo trimestre de 2023. A Espanha, por sua vez, manteve crescimento relativamente estável: 0,4% ante 0,5% no trimestre imediatamente anterior. A Itália, em contrapartida, apresentou queda de 0,3% na mesma base de comparação.

A Eurostat também divulgou que o emprego total cresceu 0,2% tanto na Zona do Euro como na União Europeia (UE) no segundo trimestre de 2023, após ter avançado 0,5% no trimestre imediatamente anterior. Ante o segundo trimestre de 2022, o emprego aumentou 1,5% na Zona do Euro e 1,3% na UE, após evolução de 1,6% em ambas as zonas no primeiro trimestre de 2023.

Em relação à política monetária, houve nova elevação da taxa de juros em 0,25 p.p. em junho, na última reunião do Banco Central Europeu (BCE). A taxa de juros *deposit facility*, ou taxa *overnight*, foi fixada em 3,5%, e a Main Refinancing Operations (MRO), em 4,0%. No entanto, diante de um cenário com inflação ainda pressionada e do último comunicado do BCE, a expectativa é que o ciclo de alta da taxa de juros continue nas próximas reuniões, a fim de atingir a meta de inflação de 2% a.a..

Os dados do segundo trimestre de 2023 confirmaram que a atividade econômica global está mais resiliente, com o consumo impulsionando o crescimento, o que retarda a desaceleração esperada pelas instituições multilaterais. Porém, a política monetária restritiva já começa a mostrar seus efeitos. Com isso, as projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgadas em julho de 2023, contempla desaceleração em relação a 2022 para algumas economias desenvolvidas e emergentes crescendo menos. A taxa global, no entanto, foi elevada em 0,2 p.p. em relação às projeções de abril.

Segundo o relatório do FMI, denominado World Economic Outlook (Perspectivas da Economia Global), a média de crescimento mundial deverá avançar 3,0% em 2023 (a projeção de abril era de 2,8%). De acordo com o relatório, a desaceleração no crescimento econômico global está concentrada nos países avançados, que devem registrar uma expansão de apenas 1,5% neste ano, ante 2,7% no ano anterior. A economia da Zona do Euro, que ainda sofre os efeitos dos preços recordes do gás em 2022, devido à guerra na Ucrânia, deve desacelerar significativamente. A região da América Latina e Caribe terá crescimento de 1,8% (levemente acima de 1,6% projetado em abril).

Em relação às duas maiores economias do mundo, Estados Unidos e China, o FMI prevê uma discreta elevação do PIB americano para 1,8% em 2023, ante 1,6% em abril. Por sua vez, a

economia chinesa manteve seu crescimento em 5,2% em 2023, impulsionada pela reabertura dos negócios após três anos de rígidas restrições sanitárias que reduziram o crescimento do país a 3% no ano anterior. Mas o Fundo observa que os problemas enfrentados pelo setor de imóveis residenciais continuam sendo um obstáculo ao crescimento econômico chinês.

Para a Zona do Euro e o Japão, as previsões de crescimento aumentaram modestamente, em média 0,1 p.p. passando de 0,8% para 0,9% na Zona do Euro, e de 0,9% para 1,0% no Japão. Já para os mercados emergentes e economias em desenvolvimento, o crescimento deve se manter estável em 4% em 2023, mesmo percentual de 2022.

O FMI estima ainda uma desaceleração no crescimento do comércio mundial, saindo de 5,2% em 2022 para 2% em 2023 — desempenho que fica bem abaixo da média de crescimento de 4,9% no período de 2000–2019. Esse declínio reflete não apenas a trajetória da demanda global, mas também as mudanças em direção à demanda por serviços.

"Estamos no caminho certo, mas não estamos fora de perigo", disse o economista-chefe do FMI, Pierre-Olivier Gourinchas, ao observar que a atualização foi impulsionada, em grande parte, pelos resultados do primeiro trimestre.

O crescimento global pode diminuir de uma taxa de 3,4% em 2022 para 3,0% em 2023 e 2024. Embora a previsão para 2023 seja ligeiramente mais alta do que o previsto no relatório Perspectivas para a Economia Global, de abril de 2023, ainda permanece fraca pelos padrões históricos, bem abaixo da média anual de 3,8% observada no intervalo2000-2019.Esse baixo crescimento é devido, em grande parte,ao enfraquecimento da manufatura nas economias avançadas, que pode permanecer por um longo tempo nesse patamar. Além disso, está relacionado ao envelhecimento da população global, especialmente em países como China, Alemanha e Japão. Novas tecnologias podem aumentar a produtividade nos próximos anos, mas isso, por sua vez, poderá prejudicar os mercados de trabalho.

Outra preocupação é a inflação, considerada acima da média das últimas décadas. A subida das taxas de referência dos bancos centrais para combater a inflação continua apesar sobre a atividade econômica mundial. Espera-se que a inflação global caia de 8,7% em 2022 para 6,8% em 2023 e 5,2% em 2024.

O FMI alertou que a inflação pode aumentar se a guerra entre Rússia e Ucrânia se intensificar. A preocupação justifica-se devido a uma possível retirada da Rússia da iniciativa de grãos do Mar Negro. Outra ameaça é a elevação extrema das temperaturas causada pelo padrão climático El Niño, o que pode elevar os preços das *commodities*. Essa situação, por sua vez, poderia desencadear novos aumentos nas taxas de juros.

Por fim, Gourinchas alerta que parte da desaceleração do crescimento deve-se ao impacto de políticas prejudiciais, como as que levam à fragmentação geoeconômica. "A divisão da economia global em blocos rivais prejudicará mais as economias emergentes e em desenvolvimento que dependem mais de uma economia global integrada, investimento direto e transferências de tecnologia."

Além disso, a falta de avanços na transição climática deixará os países pobres mais expostos a choques climáticos cada vez mais severos e ao aumento das temperaturas, mesmo que esses países representem uma pequena fração das emissões globais. "Em todas essas questões, a cooperação multilateral continua sendo a melhor maneira de garantir uma economia segura e próspera para todos", conclui Gourinchas.

## Cenário nacional

Com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia brasileira apresentou, no segundo trimestre de 2023, desempenho estável na indústria geral e no comércio varejista, e crescimento no setor de serviços, que avançou em volume 4,0% entre abril e junho em relação ao mesmo período de 2002. No primeiro semestre de 2023, o setor acumulou alta de 4,7% e, nos últimos 12 meses, de 6,2%.

O segmento de *Serviços prestados às famílias* acumula ganho de 4,1% no segundo trimestre de 2023. "O segundo maior impacto sobre o índice geral veio dessa atividade, que foi impulsionada pelo crescimento da receita de empresas de restaurantes e de espetáculos teatrais e musicais", destaca o pesquisador do IBGE Rodrigo Lobo.

O setor de Serviços se expandiu em 4,7% no primeiro semestre de 2023, com avanço em quatro das cinco atividades pesquisadas. A maior contribuição para esse resultado veio do segmento de *Transporte, serviços auxiliares aos transportes e correio* (5,6%). Também avançaram as seguintes atividades: *Informação e comunicação* (5,3%), *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (4,4%) e *Serviços prestados às famílias* (5,8%). Já o segmento *Outros serviços* manteve-se estável (0,0%) no primeiro semestre.

Os efeitos da política monetária restritiva tanto no Brasil como nas grandes economias mundiais, aliados ao crédito elevado, à fraca demanda doméstica, à instabilidade do ambiente internacional – diante da tensão geopolítica mundial com o conflito entre Rússia e Ucrânia – e à incerteza sobre a política fiscal, afetaram diretamente a transformação industrial no país.

No segundo trimestre de 2023, a indústria brasileira apresentou acréscimo de apenas 0,4% no indicador da produção física em comparação ao primeiro trimestre. Na equiparação com o segundo trimestre do ano anterior, a produção industrial do Brasil recuou 0,1%, após registrar

queda de 0,4% no trimestre anterior. No primeiro semestre de 2023, a indústria acumulou taxa negativa de 0,3% ante o mesmo período de 2022, enquanto o acumulado nos últimos 12 meses foi de 0,1%.

Entre as grandes categorias econômicas, acompanhando o movimento verificado na Indústria em geral, somente a categoria *Bens intermediários*, que também é a de maior peso, mostrou ganho de dinamismo na passagem do primeiro para o segundo trimestre do ano, saindo de -1,9% para 0,8%. "Há uma relação muito clara com o segmento extrativo, que exerce uma liderança em termos de crescimento, com expansão de 5,8% nos primeiros seis meses do ano, com destaque para minério de ferro e petróleo", explica André Macedo, analista da pesquisa. Os demais segmentos, por sua vez, mostraram perda de dinamismo entre os dois períodos: *Bens de consumo duráveis* (de 9,0% para 2,7%), *Bens de capital* (de -6,8% para -12,4%) e *Bens de consumo semi e não duráveis* (de 3,5% para 0,3%).

Para o primeiro semestre de 2023, ante o mesmo período do ano anterior, a indústria geral recuou 0,3%, com resultados negativos em duas das quatro grandes categorias econômicas, em 16 dos 25 ramos, em 48 dos 80 grupos e em 54,6% dos 789 produtos pesquisados. Entre as grandes categorias, o acumulado em 2023 mostrou menor dinamismo para *Bens de capital* (-9,7%). Por sua vez, o segmento de *Bens de consumo duráveis* teve a maior alta (5,7%) nos seis primeiros meses de 2023. Já a categoria *Bens de consumo semi e não duráveis* também acumulou alta (1,8%) no ano.

Na mesma direção da Indústria geral, o setor de Varejo apresentou um leve crescimento de 0,2% no segundo trimestre de 2023 em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior. No acumulado no primeiro semestre de 2023 houve alta de 1,3%. No índice acumulado dos últimos 12 meses, o setor marcou seu nono mês consecutivo no campo positivo, chegando a 0,9%. No primeiro semestre, no entanto, perdeu fôlego após janeiro, conforme explica o gerente da pesquisa, Cristiano Santos: "O primeiro semestre fecha em alta muito por conta do crescimento concentrado em janeiro, que foi de 4,1%. Depois de janeiro, os resultados são mais tímidos, com variações mais próximas a 0%".

Quatro atividades do comércio varejista cresceram no primeiro semestre de 2023 ante o mesmo período do ano anterior, com destaque para *Combustíveis e lubrificantes* (14,5%), devido à mudança da política de preços em 2022, que teve continuidade em 2023. As políticas de transferência de renda, o aumento do salário e a correção da tabela do Imposto de Renda impactaram, principalmente, as atividades: *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (2,6%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria* (2,2%) e *Móveis e eletrodomésticos* (1,0%).

O Comércio varejista ampliado encerrou o primeiro semestre com crescimento de 4,0%, devido aos segmentos de *Veículos, motos, partes e peças* (5,4%) e *Atacado especializado em produtos alimentícios* (8,3%), enquanto o de *Material de construção* recuou 3,6% no acumulado do ano até junho.

As pesquisas mensais do IBGE voltadas para a análise dos setores econômicos mostraram que a Indústria geral registrou estabilidade, o Comércio varejista apresentou um crescimento modesto, os Serviços foram o destaque do segundo trimestre, enquanto a Agricultura, mais uma vez, mostrou sua competitividade, conforme dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE. No segundo trimestre de 2023, a safra nacional foi de 308,9 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas. A estimativa superou em 17,4% a safra obtida em 2022. O aumento da safra e a melhoria da produtividade das culturas de soja, milho e algodão explicam o bom desempenho do setor, com destaque para as estimativas da produção de soja e milho, que prometem novos recordes.

A resiliência dos setores econômicos, diante de uma conjuntura ainda desafiadora, com taxas de juros elevadas, incerteza na política econômica e continuidade do conflito Rússia-Ucrânia, colaborou para que a economia continuasse gerando emprego formal, conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). No segundo trimestre de 2023, 493 mil vagas formais de emprego foram criadas no país. O número representa recuo de 35,8% na comparação com o mesmo período de 2022, quando foram criadas 768 mil vagas, na série de dados com ajuste, mostrando uma tendência de desaquecimento no mercado de trabalho, conforme dados do Caged.

De acordo com o MTE, 1,02 milhão de vagas formais de emprego foram criadas no país nos seis primeiros meses de 2023. O número representa recuo de 26,3% na comparação com o mesmo período de 2022, quando foram criadas 1,38 milhão de empregos com carteira assinada.

O ministro do Trabalho, Luiz Marinho, voltou a criticar a atuação do Banco Central na definição da taxa básica de juros da economia, mantida em 13,75% ao ano, em junho. "A indústria está preparada para crescer, a economia está preparada para voar. Há um impedimento, que é o custo do dinheiro para capital de giro. O que motivaria alguém que está hoje investindo em títulos públicos para migrar para investimentos se lá na ponta está sendo dificultado o crescimento para valer do consumo?", questionou o ministro Marinho.

Ao final de junho de 2023, ainda conforme os dados do Caged, o Brasil tinha saldo de 43,46 milhões de empregos com carteira assinada. O resultado representa aumento na comparação com o mês imediatamente anterior (43,31 milhões) e com junho de 2022 (41,81 milhões).

O Caged informou ainda que o salário médio de admissão foi de R$ 2.015,04 em junho de 2023, o que representa uma alta real (descontada a inflação) em relação a abril do mesmo ano (R$ 2.002,57). Também houve aumento no salário médio de admissão quando comparado com junho de 2022, quando o valor era de R$ 1.980,44.

A geração de empregos formais impactou na taxa de desocupação, que encerrou o segundo trimestre de 2023 em 8,0%, caindo 0,8 ponto percentual (p.p.) ante o primeiro trimestre (8,8%) e 1,3 p.p. ante o mesmo período de 2022 (9,3%).

Já o total de pessoas ocupadas cresceu 1,1% segundo trimestre de 2023 em comparação com o trimestre imediatamente anterior, passando para 98,9 milhões de brasileiros. Na comparação anual, houve crescimento de 0,7%, somando 641 mil pessoas ao grupo. Com isso, o número absoluto de desocupados teve baixa de 8,3% em comparação como trimestre imediatamente anterior, chegando a 8,6 milhões de pessoas. São 785 mil pessoas a menos no contingente de desocupados, se comparado ao último trimestre de2022. Já a massa de rendimento real habitual foi estimada em R$ 284,1 bilhões. O resultado também ficou estável ante o trimestre imediatamente anterior, mas cresceu 7,2% na comparação anual.

Segundo Adriana Beringuy, do IBGE, "na comparação trimestral, o crescimento da população ocupada não foi suficiente para, diante da estabilidade do rendimento, provocar aumento da massa. Já no ano, temos um panorama em que tanto a população ocupada como o rendimento sobem, ou seja, mais pessoas trabalhando e com maiores remunerações".

Em função das surpresas recentes com os dados das atividades, o Produto Interno Bruto (PIB) apresentou taxa acima das expectativas dos analistas de mercado no segundo trimestre de 2023. Nesse período, os resultados das pesquisas setoriais e do mercado de trabalho mostraram sinais de desaceleração na economia que não foram ratificados pelos resultados do PIB.

A contribuição da Indústria (0,9%) foi decisiva para que o PIB registrasse crescimento de 0,9% no segundo trimestre de 2023 em relação ao trimestre imediatamente anterior. Esse foi o oitavo resultado positivo consecutivo do indicador nessa comparação. Já a Agropecuária, após desempenho extraordinário no primeiro trimestre, caiu, 0,9%, enquanto os Serviços, que respondem por cerca de 70% da economia do país, cresceram 0,6% na mesma base de comparação.

No que se refere à despesa, todos os componentes da demanda interna cresceram. Geração de empregos, aumento da oferta de crédito para as famílias, reajuste no Bolsa Família e queda da inflação explicam parte desse crescimento econômico, com variação positiva

para as categorias *Consumo das famílias* (0,9%) *Despesa de consumo do governo* (0,7%) e *Formação bruta de capital fixo* (0,1%). As exportações líquidas apresentaram contribuição negativa devido ao menor crescimento das vendas para o exterior de bens e serviços, que aumentaram apenas 2,9%, diante do avanço de 4,5% das Importações de bens e serviços, em relação ao primeiro trimestre de 2022.

Em relação ao segundo trimestre de 2022, o PIB avançou 3,7%, após crescer no último trimestre (4,0%), nessa base de comparação. A Agropecuária registrou alta considerável de 17,0%, impulsionada pelas culturas de soja (24,5%), milho (13,7%) e algodão (10,2%), que tiveram ganhos de produtividade. Os Serviços cresceram 2,3%, principalmente pela expansão das atividades de *Intermediação financeira e seguros* (6,9%), *Transporte, armazenagem e correio* (3,4%) e *Informação e comunicação* (3,8%). A Indústria registrou alta de 1,5% devido às contribuições positivas da *Construção* (0,3%),*Produção e distribuição de eletricidade gás e água* (4,8%) e *Indústria extrativa* (8,8%). Essa última devido ao crescimento da extração de petróleo e produção de minérios de ferro. Já a *Indústria de transformação* caiu 1,7% em produtividade.

No primeiro semestre de 2023, o crescimento do PIB foi de 3,7%. Três grandes setores cresceram no período: Agropecuária (17,9%), Indústria (1,7%) e Serviços (2,6%). "No semestre, o destaque é o setor agropecuário, que teve um ótimo resultado por causa das safras recordes de soja e milho", destaca a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

O crescimento do PIB no segundo trimestre de 2023, de 0,9% ante o trimestre imediatamente anterior, e de 3,4% na comparação com segundo trimestre de 2022, superou as estimativas otimistas do mercado. Isso resultou em um carrego estatístico positivo, uma herança benéfica para os próximos trimestres, que irá motivar uma nova série de revisões nas projeções para o crescimento do ano, em geral próximas de 3,0%. Para ilustrar a reviravolta nas previsões da economia, em janeiro, boa parte do mercado estimava um avanço tímido do PIB para 2023, situando-o na faixa entre 0,8% e 1%.

No segundo semestre de 2023, o cenário de resiliência da economia é reforçado pela geração moderada de empregos, a queda na inflação de produtos básicos, o programa Desenrola, que recupera o poder de crédito de famílias mais pobres, a diminuição das taxas de juros – com impacto nas camadas mais altas com a compra de bens duráveis – e até pela melhora do *rating* do Brasil. Isso permite prever um segundo semestre melhor do que o estimado pelos analistas de mercado.

Em linhas gerais, os números do PIB trazem otimismo, mas estão ainda longe de denotar um crescimento estruturalmente robusto da economia, visto que houve um impulso altamente associado ao consumo das famílias e do governo, enquanto os investimentos mantiveram-se deprimidos. A taxa de investimento foi de 17,2% do PIB, inferior à do mesmo período de 2022 (18,3%). Esse indicador representa a parcela de investimentos no total da produção de bens e serviços finais produzidos no país. De acordo com a coordenadora de Contas Nacionais, o resultado está vinculado à queda da produção interna de bens de capital, como são chamados os itens que são usados para a produção de outros produtos por mais de um período, como máquinas e equipamentos.

Após os bons resultados do primeiro trimestre de 2023, o Fundo Monetário Internacional (FMI) elevou, em julho, a previsão para a economia brasileira para 2,1% de crescimento ao ano, acima do 0,9% estimado em abril, segundo o relatório Panorama Econômico Mundial (WEO). De acordo como FMI, a melhora na previsão de crescimento do PIB brasileiro foi atribuída à forte produção agrícola no primeiro trimestre e ao seu consequente impacto positivo nas atividades do setor de Serviços.

A previsão dos resultados divulgados indica que o Brasil deverá crescer abaixo da média mundial (3,0%) e acima da média dos países da América Latina e Caribe (1,9%). Para 2024, entretanto, o FMI manteve a perspectiva de que o crescimento econômico brasileiro irá desacelerar para 1,2%, diante das incertezas da economia mundial e dos resultados efetivos da política econômica do governo, principalmente no campo fiscal.

Mesmo mantido o crescimento do PIB global em 2024 no mesmo nível de 2023, o Brasil e outros países irão enfrentar algumas dificuldades. Para Pierre-Olivier Gourinchas, economista-chefe do FMI,o aperto global da política monetária, que tem levado as taxas de juros para um território contracionista, já está impactando na atividade econômica. Isso resulta na desaceleração do crescimento do crédito no setor não financeiro, no aumento dos pagamentos de juros pelas famílias e empresas e na pressão sobre os mercados imobiliários.

Gourinchas observa ainda que parte da desaceleração do crescimento deve-se ao impacto de políticas prejudiciais, como as que levam à fragmentação geoeconômica. "A divisão da economia global em blocos rivais prejudicará mais as economias emergentes e em desenvolvimento que dependem mais de uma economia global integrada, investimento direto e transferências de tecnologia."

## Cenário estadual

A atividade econômica da Bahia apresentou no segundo trimestre de 2023, em comparação ao mesmo período de 2022, resultados positivos no Comércio varejista, nos Serviços e na estimativa da produção de grãos. Em contrapartida, a Indústria geral registrou queda, segundo informações das pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No mesmo período, as exportações baianas também declinaram.

A geração de empregos, o aumento da oferta de crédito para as famílias, o reajuste no Bolsa Família e a queda da inflação contribuíram para a expansão do Comércio e dos Serviços. A conjuntura externa ainda pouco favorável reduziu a demanda de *commodities*, bem como a política monetária restritiva e a incerteza sobre os rumos da guerra Rússia-Ucrânia, afetando negativamente as exportações.

A expansão no Comércio varejista no segundo trimestre de 2023 foi de 4,1%. Na análise sazonal, o resultado foi de crescimento moderado de 1,2% em comparação ao trimestre imediatamente anterior. No primeiro semestre do ano, a expansão foi 3,9% com altas em todos os meses. Bem diferente de 2022, quando as taxas foram negativas ao longo dos meses. Esse cenário traz a expectativa de uma recuperação do setor pela baixa base de comparação e pela expectativa do consumidor acerca da queda dos juros e da inflação e da melhoria no nível de emprego e renda.

O volume de Serviços na Bahia no segundo trimestre de 2023, quando comparado com o mesmo período do ano anterior, registrou crescimento de 7,5%, mantendo a aceleração iniciada em 2022. Essa taxa supera a do Brasil (4,0%) e é a nona consecutivamente positiva para esse tipo de comparação. No acumulado do primeiro semestre de 2023, o avanço foi de 7,8%, em relação ao mesmo período do ano anterior.

No segundo trimestre, todas as cinco atividades impulsionaram o volume de serviços da Bahia para cima, com destaque para a atividade de *Serviços de informação e comunicação* (18,3%), com a variação mais expressiva. Em seguida vieram *Outros serviços* (14,6%), *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (5,4%), *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (4,0%) e *Serviços prestados às famílias* (3,9%).

Quanto ao desempenho industrial, a incerteza sobre os rumos da taxa de juros no Brasil e nos países avançados resultou no comprometimento da demanda interna, contribuindo para que boa parte da produção fosse para mercados externos. Na Bahia, a produção física da indústria foi impactada por esses efeitos negativos, com queda de 2,2% em relação ao segundo trimestre de 2022. Para efeito de comparação, nesse mesmo período, a produção industrial do país recuou 0,1%.

O fraco dinamismo na produção industrial do Brasil e da Bahia é ratificado pelo baixo nível de confiança dos empresários do setor, visto que houve recuo no período.Entre março e junho,o Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV-IBRE) caiu 0,4 ponto percentual (p.p.), passando para 94,0 pontos.

Em relação ao ritmo de crescimento da Indústria geral na Bahia, a análise em relação aos trimestres anteriores tem gerado uma expectativa de otimismo, já que houve dois trimestres de alta, 7,5% e 4,5%, em relação ao primeiro e ao quarto trimestre de 2022, respectivamente.

A produção agrícola estimada pelo IBGE registra recorde no estado pelo quarto ano consecutivo. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, o que se verificou em todos os principais cultivos pesquisados (soja, milho, algodão e feijão). Em 2023, de acordo com o IBGE, a perspectiva é de produção de 12,1 milhões de toneladas de cereais, oleaginosas e leguminosas na Bahia, devendo representar crescimento de 6,9% na comparação com a safra de 2022, com destaque para o algodão (29,1%), o milho (8,9%) e a soja (4,5%).

No segundo trimestre de 2023, as exportações baianas registraram queda de 42,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. O recuo de preços dos produtos de exportação no último trimestre foi mais acentuado que o esperado (-19,6%), embora a queda do volume embarcado tenha sido ainda maior, atingindo- 28,2%. Em junho, em alguns setores, esta queda superou em muito o declínio nos preços, como foi o caso do setor *Químico/ petroquímico* (-28,1%), *Metais preciosos* (-28,7%), *Metalúrgicos* (-51,1%), *Algodão* (-32,2%), *Café e especiarias* (-39,3%) e *Derivados de petróleo* (-96,4%), tornando-se, assim, o principal fator para a diminuição das receitas de exportação no mês (-47,2%).

As exportações registraram queda (-17,4%) nos preços médios no primeiro semestre de 2023, reflexo do ambiente externo de desaceleração da economia e aperto monetário em vários mercados. No mesmo período do ano anterior, a economia havia apresentado recuperação dos preços das *commodities*, diante do aumento do consumo mundial pós-covid-19, como também devido à guerra no Leste Europeu que fez subir os preços de diversos produtos, sobretudo petróleo e grãos, principais itens da pauta de exportação da Bahia.

De acordo com os dados do Caged, de abril a junho de 2023, o montante de empregos formais no estado se ampliou, resultado do surgimento de 29.255 novos postos de trabalho. Ao fim desse segundo trimestre, a Bahia passou a contar com 1.952.504 vínculos celetistas ativos, uma elevação de aproximadamente 2,68% sobre o quantitativo de 1.901.549 empregos do início do ano (estoque de referência). Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia

concentrava, respectivamente, 27,46% e 4,49% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país.

O crescimento do emprego formal na Bahia, no segundo trimestre de 2023, alcançou quatro dos cinco grandes setores. O setor de Serviços destacou-se com o desempenho mais elevado, com a contratação líquida de 17.582 trabalhadores no período. O setor de Indústria geral, com 4.884 novos contratos, também registrou um saldo relativamente expressivo, evidenciando o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com números positivos menos significativos, vieram a Agropecuária (4.726 postos) e o Comércio (3.126 vagas). Assim, portanto, o setor de Construção foi o único que reduziu o nível de emprego, contabilizando uma perda líquida de 1.063 vínculos.

De acordo com o levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADContínua), na Bahia, a taxa de desocupação ficou em 13,4% no segundo trimestre de 2023. Trata-se da menor estimativa desde a projetada para o quarto trimestre de 2015 (12,4%), e a mais baixa para um segundo trimestre desde o mesmo período de 2015 (12,8%). Em comparação com o mesmo período de 2022, quando o indicador foi estimado em 15,5%.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao segundo trimestre de 2023 mostraram que os resultados positivos para a Agropecuária, o Comércio varejista, os Serviços e a geração de emprego formal impactaram positivamente no PIB baiano do período. No entanto, o desempenho da Indústria em geral contribuiu para que a taxa do PIB não fosse mais expressiva.

No segundo trimestre, o PIB da Bahia, calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), cresceu 2,7% na comparação com mesmo período de 2022. Já em relação ao primeiro trimestre de 2022, a taxa do PIB alcançou 1,0%. Houve alta de 1,8% no primeiro semestre e de 2,4% em 12 meses.

Setorialmente, na comparação anual, a Agropecuária cresceu 4,0%, devido aos bons resultados das safras de soja, milho e algodão. O setor de Serviços, por sua vez, contabilizaram alta de 4,9%, maior do que no trimestre anterior, impulsionado pelas atividades de *Comércio* (8,9%) e *Transportes* (6,9%). Já o setor industrial, formado pela *Construção*, *Eletricidade, água e gás* e *Indústria de transformação* e *Extrativa*, registrou queda de 1,2%. Das três atividades do setor industrial, apenas a atividade de *Eletricidade, água e gás* apresentou resultado positivo no período (7,9%), em função tanto do aumento da geração elétrica, particularmente de fontes eólicas, quanto do consumo de energia. As demais atividades industriais tiveram resultados negativos em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior: *Extrativa* (-13,8%), *Transformação* (-2,6%), *Produtos químicos* (-11,5%) e *Celulose e papel*

(-6,0%).O setor da Construção, por sua vez, apresentou recuo de 0,6%, em razão da retração dos insumos típicos da construção.

Para o segundo semestre do ano, espera-se que parte dos efeitos positivos da safra agrícola diminua gradualmente, assim como o incremento das transferências de renda. No entanto, as recentes medidas de sustentação da demanda, como o reajuste do salário mínimo, o benefício mais elevado do Bolsa Família, a isenção do Imposto de Renda da Pessoa Física, o Programa Desenrola, a redução da taxa de juros no segundo semestre pela queda da inflação e a geração de ocupação, podem favorecer o consumo das famílias, que se encontra resiliente.

No que se refere à oferta, a *Indústria de transformação* deve voltar a crescer, após operar praticamente no campo negativo em todo o segundo semestre de 2022 devido à parada da produção de refino de petróleo, atividade de maior peso do setor. O *Comércio varejista* também deve crescer, devido às medidas de estímulo e à base deprimida de 2022, aproveitando os incentivos citados acima. Os Serviços vão continuar expandindo-se a uma taxa mais modesta que a registrada nos últimos anos, embora a atividade do *Turismo* possa apresentar resultados surpreendentes. Portanto, as previsões para o PIB de 2023 giram em torno de 2,0% a 2,5%.

# AGROPECUÁRIA

Carla Janira Souza do Nascimento
*carlajanira@sei.ba.gov.br*

## Cenário Brasil

A safra de verão de 2023 foi beneficiada por condições climáticas mais favoráveis, ao contrário do que ocorreu com a de 2022. O início da fase final da colheita das culturas no Brasil no ciclo 2022/2023 aponta para uma produção de grãos estimada em 307,8 milhões de toneladas (t), de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)[1]. O volume representa uma alta de 18,3% na comparação com a temporada 2021/2022. A área plantada está estimada em 74,1 milhões de hectares (ha), o que corresponde a um crescimento de 4,7%, em comparação com o ciclo anterior.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[2], mostra uma safra nacional de 308,9 milhões de t de cereais, leguminosas e oleaginosas. A estimativa supera em 17,4% a safra obtida em 2022. A área a ser colhida em 2023 deve ser de 77,1 milhões de ha, o que representa um crescimento de 5,2% (3,9 milhões de ha mais) em relação à área colhida em 2022. O aumento de área e a melhoria da produtividade das culturas de soja, milho, algodão, girassol, centeio, cevada e sorgo explicam o bom desempenho da produção de grãos, com destaque para as culturas de soja e milho, que prometem novos recordes.

## Cenário Bahia

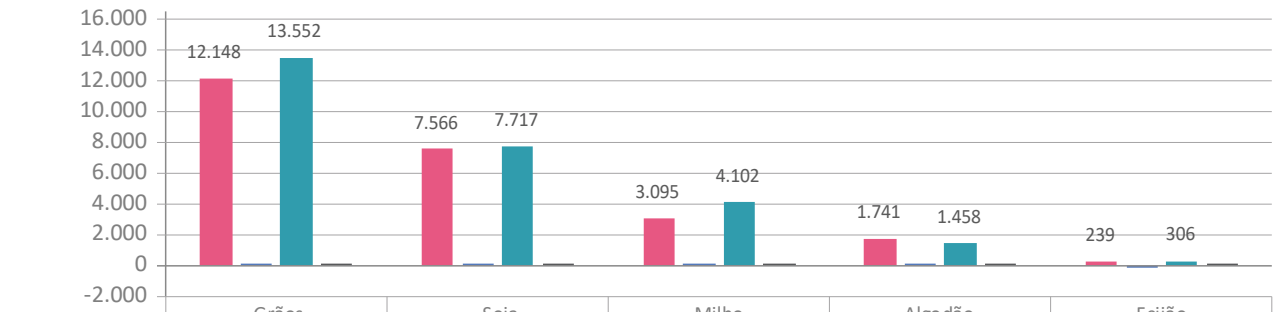
A produção agrícola estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) aponta para o quarto ano consecutivo de recorde de grãos no estado. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, o que se verificou em todos os principais cultivos pesquisados (soja, milho, algodão e feijão).

1 Acomp. safra brasileira de grãos, Brasília, DF, v.10 – Safra 2022/23, n.11 - Décimo primeiro levantamento, p. 1-102, agosto 2023. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos. Acesso em: 15 ago. 2023.

2 Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, jul. 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2023_jul.pdf

Para a Conab[3], a estimativa da produção baiana de grãos vai superar 13,5 milhões de toneladas (t) na temporada 2022/2023, o que representa alta de 12,1% em comparação ao ciclo 2021/2022. O IBGE[4], por sua vez, prevê produção de 12,1 milhões de t de cereais, oleaginosas e leguminosas[5] produzidas na Bahia em 2023, o que representa um crescimento de 6,9% na comparação com a safra 2022.

**Gráfico 1**
**Estimativas comparadas da safra de grãos – Bahia – 2022/2023**




| | Grãos | Soja | Milho | Algodão | Feijão |
|---|---|---|---|---|---|
| IBGE | 12.148 | 7.566 | 3.095 | 1.741 | 239 |
| Var. (%) | 6,9 | 4,5 | 8,9 | 29,1 | -2,1 |
| Conab | 13.552 | 7.717 | 4.102 | 1.458 | 306 |
| Var. (%) | 12,1 | 6,0 | 21,6 | 12,1 | 8,0 |

Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2023) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Nota: valores em mil toneladas.

A seguir é apresentada a síntese dos resultados pelas instituições públicas oficiais que realizam estimativas de produção das principais lavouras do estado:

## Algodão

*IBGE*

A produção de algodão (caroço e pluma) estimada para 2023 *é* de 1,74 milhão de toneladas (t), o que representa uma alta de 29,1% em relação a 2022. A área plantada com a fibra, de363 mil hectares (ha), superou em 25,0% a do ano anterior. Nas áreas irrigadas no oeste do estado, a boa insolação e as baixas temperaturas noturnas favoreceram o desenvolvimento

3 Os dados referem-se ao décimo primeiro levantamento divulgado pela Conab, cujo ano agrícola vai de outubro do ano anterior a setembro do ano corrente.

4 Refere-se ao sétimo levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

5 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

das lavouras. O controle contra a infestação do bicudo foi bem executado, o que proporcionou uma maior produtividade das lavouras[6].

*Conab*

A estimativa da produção de algodão alcançou 1,46 milhão de t no ciclo 2022/2023, o que representa uma expansão de 12,1% na comparação com o ciclo anterior. A área plantada, de313 mil ha, superou em 1,6% a do ciclo 2021/2022.

**Soja**

*IBGE*

O volume colhido da soja alcançou 7,57 milhões de t, 4,5% acima do verificado em 2022. Dessa forma, a safra da oleaginosa deve atingir safra recorde pelo quarto ano consecutivo. A área plantada no estado ficou projetada em 1,9 milhão de ha, 4,5% acima do observado em 2022).

*Conab*

Para a soja, foi estimada uma safra de 7,72 milhões de t no ciclo 2022/2023, apontando um crescimento de 6,0%. No período, a área plantada teve expansão de 1,4%, o que totalizou cerca de 1,9 milhão de ha.

**Milho**

*IBGE*

As duas safras anuais do milho devem somar 3,09 milhões de t, o que representa crescimento de 8,9% na comparação anual. Com relação à área plantada (698 mil ha), o IBGE apontou um decréscimo de 0,3% em relação à safra anterior.

A estimativa da primeira safra do cereal em 2023 foi de 2,35 milhões de t, sendo 7,2% superior à de 2022. Por sua vez, a segunda safra (745 mil t) teve recuo de 14,6% em relação à colheita do ano anterior.

*Conab*

A produção 2022/2023 do milho totalizou 4,1 milhões de t, o que representa uma variação positiva de 21,6% na comparação com o ciclo anterior. A maior contribuição veio da colheita da primeira safra, totalizando 2,8 milhões de t. Destaca-se a queda de 29,3% da safra de inverno (segunda safra), que ficou estimada em 127 mil t. A área total plantada com o cereal foi calculada em 853 mil ha, com produtividade média de 4,8 t/ha na temporada atual.

6 Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, jul. 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2023_jul.pdf

**Feijão**

*IBGE*

A estimativa para a lavoura do feijão *é de 239* mil t, representando recuo de 2,1% na comparação com a safra de 2023. O levantamento manteve a estimativa de 417 mil ha plantados, a mesma observada no ano anterior. Estimou-se que a primeira safra da leguminosa (143,5 mil t) foi 1,3% inferior à de 2022, bem como a segunda safra (95,3 mil t) que teve variação negativa de 3,1%, na mesma base de comparação.

*Conab*

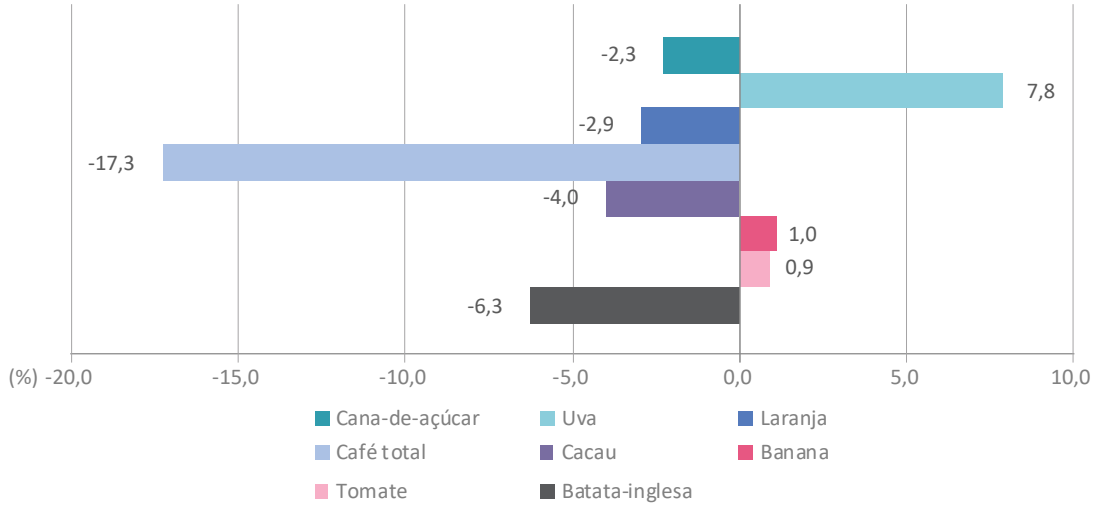
O total da *á*rea plantada com a cultura do feijão apresentou aumento de 5,9% em comparação à safra anterior, ao passo que a produção estimada é 8,0% superior à observada na mesma base de comparação. A produção de feijão, no estado da Bahia, totalizou 306 mil t colhidas em 432 mil ha plantados.

## Outras lavouras permanentes e temporárias

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 5,47 milhões de t, revelando queda de 2,3% em relação à safra 2022. A produção do cacau, por sua vez, ficou projetada em 121,0 mil t, apontando uma queda de 4,0% na comparação anual.

Quanto ao café, está prevista a colheita de 193,2 mil tem 2023, 17,3% abaixo do observado no ano passado. A safra do tipo arábica está estimada em 69,5 mil t, com variação anual negativa de 30,8%. Por sua vez, a previsão da safra do tipo canéfora *é* de 123,7 mil t, o que corresponde a um volume 7,0% abaixo do patamar do ano anterior.

**Gráfico 2**
**Variação percentual anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2022/2023**




Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As estimativas para as lavouras de banana (914 mil t), laranja (634 mil t) e uva (66 mil t), por sua vez, registram, respectivamente, variações de 10,5%, -2,9% e 7,8%, em relação à safra anterior.

O levantamento ainda indica uma produção de 938 mil t de mandioca em 2023, o que corresponde a 9,6% acima da safra de 2022. A produção de batata-inglesa, estimada em 332 mil t, apresenta recuo de 6,3%, e a do tomate, estimada em 180 mil t, aponta acréscimo de 0,9% na comparação com a do ano anterior.

# PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
*carlajanira@sei.ba.gov.br*

Os efeitos da política monetária restritiva tanto no Brasil como nas grandes economias mundiais, a demanda doméstica fraca e a instabilidade do ambiente internacional, diante da conturbada geopolítica mundial com o conflito entre Rússia e Ucrânia, afetaram diretamente a transformação industrial no país. No segundo trimestre de 2023, a indústria brasileira apresentou acréscimo de apenas 0,4% no indicador da produção física em relação ao primeiro trimestre do ano.

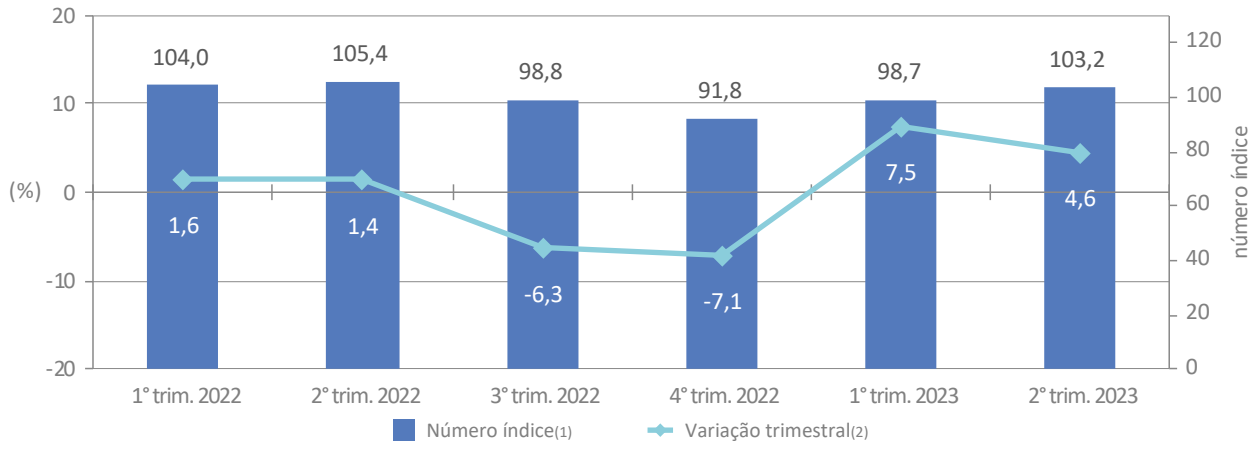
O fraco desempenho industrial do país se manifesta no baixo nível de confiança dos empresários do setor durante o período analisado. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV-IBRE) caiu 0,4 ponto entre março e junho, indo para 94,0 pontos.Segundo o especialista Stéfano Pacini, da FGV[1], "o atual cenário desafiador para a indústria, com taxa de juros elevada e aumento do endividamento, ainda cria um ambiente de incerteza para os empresários em relação a um segundo semestre difícil, porém, com alguma melhora na demanda".

A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física, manteve resultado positivo pelo segundo trimestre consecutivo, com taxa de 4,6%. Esse avanço, porém, é inferior ao observado no primeiro trimestre de 2023, quando a indústria apresentou crescimento de 7,5%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)[2], ilustrados no Gráfico 1.

1 SONDAGEM DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, jun. 2023. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/system/files?file=2023-06/Sondagem%20da%20Industria%20FGV_press%20release_Jun23_0.pdf. Acesso em: 14ago. 2023.

2 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, jun. 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2023_jun.pdf. Acesso em: 14 ago. 2023.

**Gráfico 1**
**Produção física industrial (%) – Bahia – 1º trim. 2022-2º trim. de 2023**




Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2023)
Elaboração: SEI/Distat/CAC
Notas: (1) número índice ajustado sazonalmente;
(2) variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

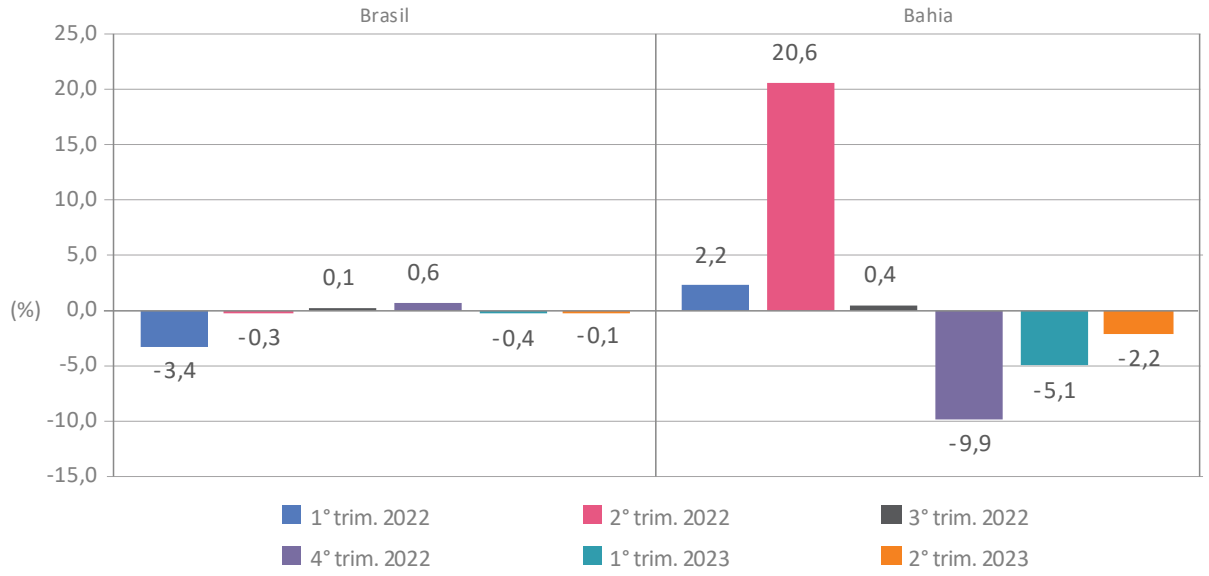
Nesse sentido, no segundo trimestre de 2023, destacam-se os aumentos nos segmentos *Extrativo* (22,8%), *Alimentos* (1,1%), *Celulose e papel* (6,1%) e *Derivados de petróleo* (10,4%)[3], em relação ao trimestre imediatamente anterior.

Na comparação com igual período do ano anterior, a produção física da indústria baiana reduziu a queda em relação ao primeiro trimestre de 2023, passando de -5,1% para -2,2% (Gráfico 2). No mesmo período, a produção industrial do país recuou 0,1%, após registrar queda de 0,4% no trimestre anterior. A contribuição negativa para o setor nacional veio de *Bens de capital* (-12,4%), em que se destacam recuos em bens de capital para energia (-34,5%), para uso misto (-13,7%) e para agricultura (-13,1%).

Na Bahia, por sua vez, ocorreram recuos nos segmentos *Extrativo* (-23,9%), *Produtos químicos* (-11,5%), *Celulose e papel* (-6,0%), *Borracha* (-3,5%) e *Minerais não metálicos* (-1,6%). Em sentido contrário, houve avanços em *Alimentos* (15,9%), *Derivados de petróleo* (0,9%), *Metalurgia* (1,6%) e *Couros, artigos para viagem e calçados* (8,2%).

3 Elaboração própria do ajuste sazonal.

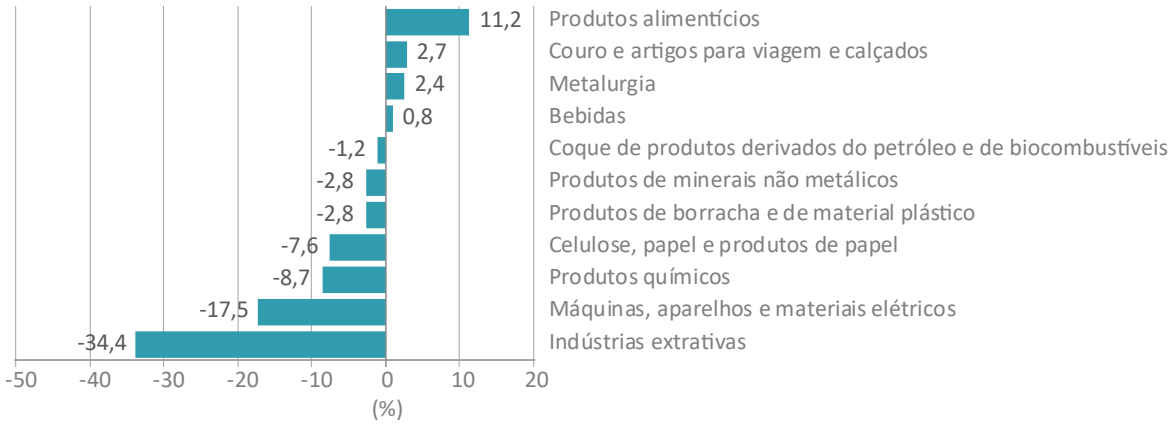
**Gráfico 2**
**Produção física industrial – Brasil e Bahia – 1º trim. 2022-2º trim. 2023**




Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

No primeiro semestre de 2023, a indústria baiana recuou 3,7% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise dos segmentos observa-se que a maioria apresentou taxas negativas, conforme dados ilustrados no Gráfico 3.

**Gráfico 3**
**Produção física da indústria por setores de atividade (%) – Bahia – Jan.-jun. 2023**




Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Nota: variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

A *Indústria extrativa* apresentou o principal impacto negativo para a indústria baiana, com taxa de -34,4%no primeiro semestre, principalmente em decorrência do recuo na produção de óleos brutos de petróleo e gás natural. Como já destacado no boletim anterior, em dezembro de 2022, a Agência Nacional de Petróleo (ANP) interditou 28 campos terrestres do Polo Bahia Terra, que tiveram a produção de petróleo e gás natural paralisada por questões de segurança. As instalações foram liberadas gradualmente, conforme o cumprimento, pela Petrobras, das condições estabelecidas pela Agência. Em maio, a ANP concluiu o processo de desinterdição das instalações do Polo Bahia Terra, propiciando a retomada total da extração de petróleo e gás nos campos.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado negativo da *Indústria de transformação* (-1,2%) baiana no primeiro semestre de 2023, destaca-se, inicialmente, o de *Derivados de petróleo*, que registrou recuo de 1,2% na produção, principalmente pela limitação no processamento de gasolina e óleo combustível.

O segmento de *Produtos químicos*, que declinou 8,7% no período, foi prejudicado pela menor produção de bens químicos de uso industrial. A falta de competitividade dos produtos químicos nacionais, em razão dos elevados custos da principal matéria-prima, o gás natural, levou ao aumento das importações pelo mercado interno e, consequentemente, prejudicou a produção nacional. Além disso, a redução do Imposto de Importação e a indisponibilidade do Regime Especial da Indústria Química (Reiq) contribuíram para reduzir a competitividade dos produtos nacionais.

O segmento de *Celulose e papel*, que recuou 7,6% no mesmo semestre, teve parada programada para manutenção em unidade do setor, resultando em queda na produção de pasta química de madeira. A expectativa é de ampliação da produção no segundo semestre de 2023, não só em decorrência da ampliação da capacidade instalada, mas também devido ao aumento sazonal na demanda por papel e à recuperação da Ásia (principal destino das exportações baianas). Quanto aos preços, há expectativa de aumento da *commodity* à medida que os estoques diminuam.

O segmento de *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos registrou recuo* de 17,5%, principalmente atribuído à menor produção de equipamentos e aparelhos elétricos, geradores e eletrodomésticos.

Por sua vez, o segmento de *Borracha e material plástico*, com queda de 2,8% no período, teve o desempenho influenciado principalmente pelo declínio na produção de pneus novos para automóveis e caminhões.

A produção de *Minerais não metálicos* caiu 2,8% no primeiro semestre, com recuo, principalmente, na fabricação de produtos cerâmicos e artefatos de cimento ou concreto. O desempenho do segmento demonstra as incertezas dos empresários diante da conjuntura de retração no mercado de crédito, atrelado às elevadas taxas de juros que impactam o setor da Construção. Todavia, os lançamentos previstos de empreendimentos imobiliários, subsidiados pelo governo federal, além das medidas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), devem alavancar todo o setor, impulsionando a produção do segmento.

A principal contribuição positiva no período veio da indústria de *Alimentos*, atribuída, em especial, à maior produção de açúcar, óleo de soja, leite em pó, carne de bovinos e manteiga de cacau, que avançou apesar do ambiente macroeconômico interno com alta nos custos de matérias-primas, insumos e energia. A demanda por alimentos acompanhou a dinâmica do emprego e da renda, que registrou crescimento no segundo trimestre. Além disso, a redução da taxa de inflação, principalmente no ramo alimentício, contribuiu para minimizar a perda de poder aquisitivo da população, impulsionando as vendas do segmento.

Na *Indústria calçadista*, o crescimento ocorreu especialmente pelo aumento na produção de calçados, influenciado pela expansão da demanda por esses produtos e pela melhora no rendimento das famílias.

Já o ramo de *Bebidas* cresceu 0,8% no semestre, impactado pela maior produção de refrigerantes, cervejas e chopes. O retorno das festas populares no período influenciou o desempenho do segmento.

O aumento na produção do segmento *Metalúrgico* ocorreu, sobretudo, pelo crescimento na produção de derivados de cobre, ouro e arames e fios de aço carbono. Esses produtos tiveram aumento nos preços internacionais devido ao crescimento da demanda, principalmente da China, e da menor oferta.

Para o segundo trimestre de 2023, a expectativa é de manutenção do crescimento na produção dos segmentos mais tradicionais da indústria, como *Alimentos e bebidas*, *Derivados de petróleo*, *Metalurgia* e *Celulose*, este último beneficiado pelos preços internacionais elevados.

Destaca-se, no entanto, que o ambiente internacional incerto, com expectativa de esfriamento da demanda externa, reflexo da inflação mundial e do conflito no Leste Europeu,e ainda o contexto interno de elevadas taxas de juros atuam em sentido contrário ao crescimento do setor.

# COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito
*elissandra@sei.ba.gov.br*

O Comércio varejista registrou crescimento nas vendas na Bahia no segundo trimestre de 2023, na comparação com o mesmo período do ano anterior e na série livre de influências sazonais. No cenário nacional, o desempenho do setor tem sido moderado, variando 0,2% em relação ao ano anterior e -0,2% em relação ao trimestre imediatamente anterior.

**Gráfico1**
**Volume de vendas de comércio varejista – Bahia – 2º trim. 2022-2º trim. 2023**

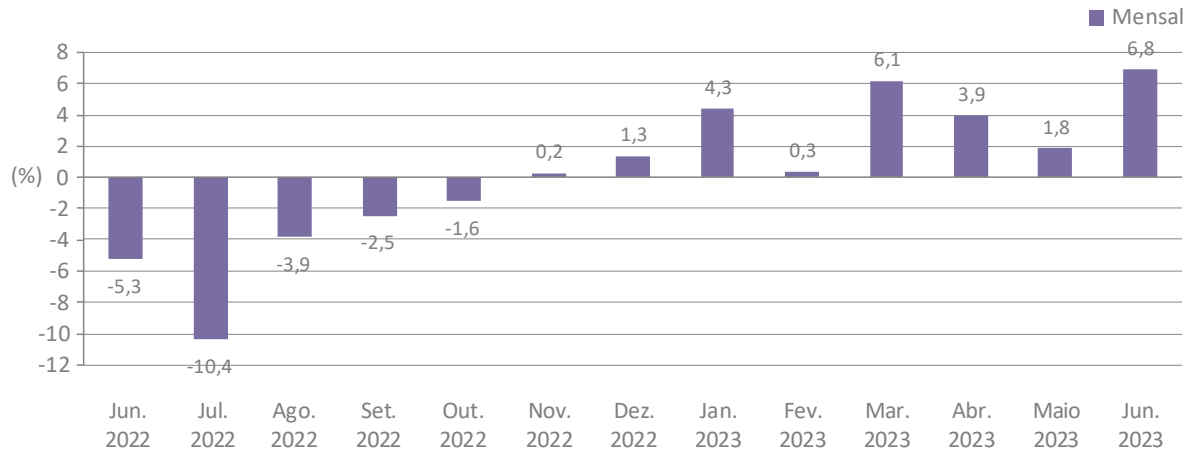
Fonte: IBGE -Pesquisa Mensal do Comércio (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Fonte: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.
(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

No segundo trimestre, a expansão de 4,1% nas vendas trouxe a expectativa de uma nova dinâmica para o setor. Motivado pela deflação dos preços e a melhoria no nível de emprego e renda, o resultado do varejo apresentou expansão, nesse trimestre, comparado ao mesmo período do ano anterior. Na análise sazonal, apesar do ritmo arrefecido, verifica-se crescimento de 1,2% em relação ao trimestre imediatamente anterior (Gráfico 1).

Na análise mensal, apesar de a intensidade de crescimento das taxas ter oscilado, as vendas mantiveram-se positivas ao longo dos primeiros seis meses de 2023. De acordo com os dados da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em âmbito nacional, as vendas na Bahia iniciaram o ano registrando, em janeiro,

crescimento de 4,3%. No intervalo de abril a maio, no entanto, perderam ritmo, acelerando novamente em junho, com taxa de 6,8% (Gráfico 2). Esse movimento aponta para um cenário de retomada ainda não consolidada, uma vez que o índice de endividamento das famílias continua elevado, e o acesso ao crédito permanece como um obstáculo para a realização das compras.

**Gráfico 2**
**Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – 2022-2023**




Fonte: IBGE-Pesquisa Mensal do Comércio (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.
(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Em 2023, o programa de transferência de renda do governo federal Bolsa Família, a queda da inflação, a redução da taxa de juros e a expectativa para o início do programa Desenrola Brasil trouxeram um novo alento para o setor do Comércio. O Bolsa Família retomado em março de 2023 contemplou milhões de pessoas, com cada integrante da família recebendo, no máximo, R$ 218.Esse benefício, atrelado à queda da inflação, estimulou a Intenção de Consumo das Famílias (ICF). De acordo com a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), esse índice subiu 2,6% em junho em relação a maio, passando para 97,3 pontos, e 21,3% em relação a junho de 2022. Esses dados mostram que os consumidores estão mais otimistas, principalmente os de menor renda.

No que diz respeito ao nível de consumo, houve variação positiva em decorrência de uma maior satisfação com o emprego, principalmente para a faixa de renda mais baixa. Com a queda na taxa de inflação, a intenção de consumir ganhou impulso entre as famílias mais pobres, dada a sensação de melhora no poder aquisitivo, a despeito do endividamento dos consumidores em nível elevado e dos juros altos.

Esse otimismo foi favorecido pela expectativa da entrada em vigor do programa Desenrola Brasil, que prevê a renegociação de créditos para pessoas com dívidas negativadas, e pela provável redução da taxa de juros do Banco Central. No Comércio varejista, o cenário descrito anteriormente também resultou na expansão das vendas para o acumulado do ano em 3,9% (Tabela 1).

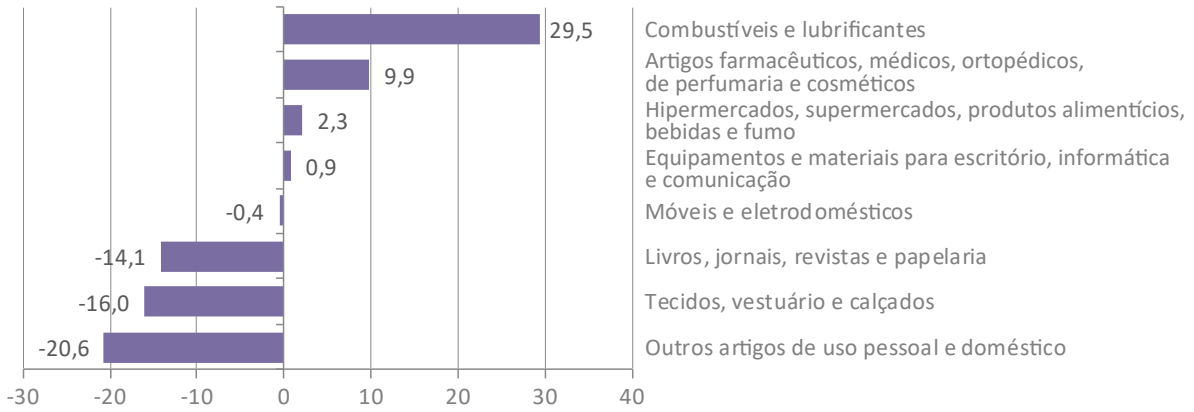
**Tabela 1**
**Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – Acumulado do ano 2023(1)**

| Atividade | (%) |
|---|---|
| **Comércio Varejista** | **3,9** |
| 1 - Combustíveis e lubrificantes | 24,5 |
| 2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo | 2,8 |
| 2.1 - Hipermercados e supermercados | 3,2 |
| 3 - Tecidos, vestuário e calçados | -5,3 |
| 4 - Móveis e eletrodomésticos | 0,4 |
| 4.1 - Móveis | -4,5 |
| 4.2 - Eletrodomésticos | 4,8 |
| 5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria | 2,0 |
| 6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação | 21,5 |
| 7 - Livros, jornais, revistas e papelaria | 1,3 |
| 8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico | -17,5 |
| **Atacado Selecionado e Outros(2)** | **9,6** |
| 9 - Veículos, motocicleta, partes e peças | -5,8 |
| 10 - Materiais de construção | 1,9 |
| 11 - Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo | 46,3 |

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.
(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

Na análise por atividade, dos oito segmentos que compõem o setor, seis registraram desempenho positivo no trimestre analisado: *Combustíveis e lubrificantes* (29,5%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (9,9%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (2,3%) e *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (0,9%). Já *Móveis e eletrodomésticos* (-0,4%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-14,1%), *Tecidos, vestuário e calçados* (-16,0%) e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-20,6%) apresentaram retração nas vendas (Gráfico3).

**Gráfico 3**
**Volume de vendas das atividades do comércio varejista(1) – Bahia – 2º trim. 2023**




Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dentre as variações positivas, destaca-se o desempenho de *Combustíveis e lubrificantes* (29,5%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (9,9%) e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (2.3%)*. O crescimento das vendas do primeiro segmento é atribuído ao comportamento dos preços de combustíveis praticados no período. Já o segundo segmento, que apresentou oscilação nos preços e chegou a registrar deflação em junho (-0,23%), teve como principal justificativa para a expansão dos negócios nesse trimestre a constante procura dos consumidores por produtos que elevam a imunidade, ante as recorrentes viroses.

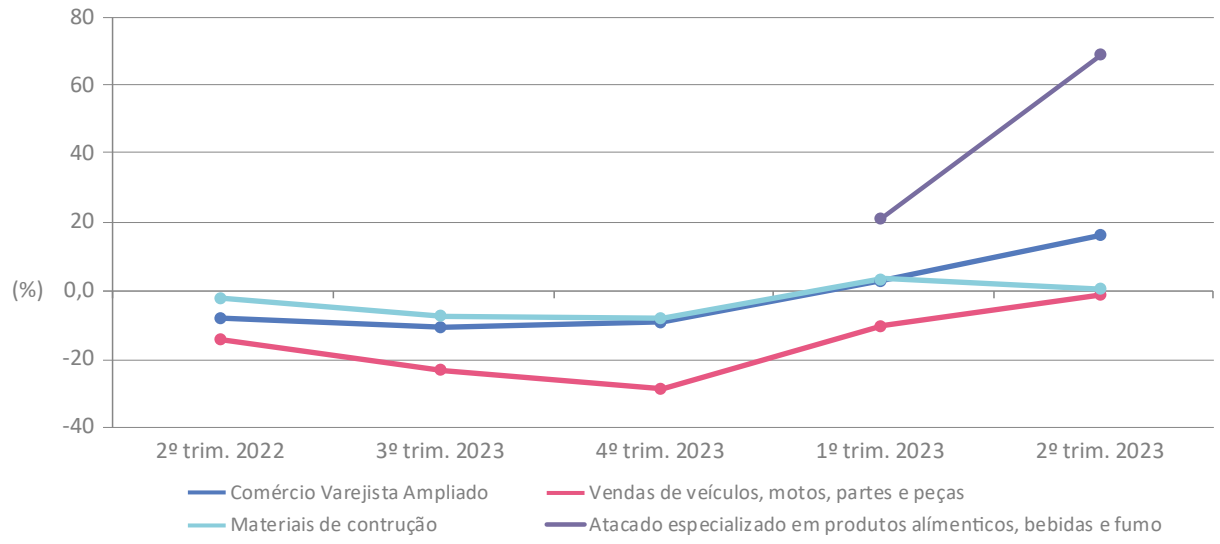
O segmento de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, de maior peso para o indicador de volume de vendas do Comércio varejista, também registrou crescimento nas vendas. O seu desempenho é resultado do abrandamento dos preços praticados para produtos de primeira necessidade. No subgrupo *hipermercados e supermercados* houve expansão de 2,1% nas vendas, na mesma base de comparação.

Bastante influenciado pela disponibilidade de crédito no mercado, o segmento de *Móveis e eletrodomésticos* (-0,4%) teve no aumento dos juros o seu principal entrave. Entretanto, a despeito da alta taxa de juros praticada no mercado e do elevado grau de endividamento das famílias, o comportamento do subgrupo *eletrodoméstico* influenciou positivamente a atividade, com a taxa de 4,3% no trimestre.

Dentre as variações negativas do segundo trimestre, destaca-se ainda o desempenho de *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-20,6%). Tradicionalmente responsável por comercializar bens de menor valor agregado, e bastante influenciado pelo comprometimento da renda do consumidor, o segmento encontrou no elevado endividamento dos consumidores um obstáculo para o seu negócio, pois, nessas condições, os gastos com bens considerados supérfluos não são priorizados.

No que diz respeito ao Comércio varejista ampliado, chamado de *Atacado selecionado e outros* – que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças, Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* –, a expansão no segundo trimestre de 2023 foi de 9,6%, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Nesse período, o crescimento no ampliado foi determinado pelo comportamento de *Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* (Gráfico 4).

**Gráfico 4**
**Volume de vendas do comércio varejista ampliado – Bahia – 2º trim. 2022-2º trim. 2023**




Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio Varejista (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

O segmento de *Material de construção* expandiu as vendas no trimestre em 1,9%, sendo influenciado pela perspectiva do consumidor de baixa renda quanto a uma maior segurança no emprego e à percepção de uma melhora no poder aquisitivo com a queda da inflação. Quanto ao segmento de *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, foi registrado crescimento de 46,3%. Com isso, verificou-se a preferência dos consumidores em adquirir produtos no atacado, devido ao diferencial no preço em relação ao varejo.

A pesquisa incluiu esse segmento a partir de janeiro de 2023, atendendo à necessidade de captar o movimento de expansão das vendas verificado por essa atividade.

Por sua vez, o segmento de *Veículos, motos, partes e peças* foi impactado pelo encarecimento do crédito, tendo suas vendas recuado em 5,8% no trimestre. Fortemente influenciada pelo crédito, o desempenho dessa atividade foi comprometido em razão das incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica no país. Esse cenário, resultante de uma política monetária restritiva, levou as instituições financeiras a restringirem a liberação de crédito, diante da iminente elevação da taxa de inadimplência.

Nesse aspecto, os dados apresentados pela PMC no segundo trimestre de 2023 revelam que, a despeito do endividamento dos consumidores em nível elevado e dos juros altos, o setor respondeu ao estímulo das repetidas quedas da inflação, dos programas de transferência de renda e da melhora no mercado de trabalho.

De acordo com os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), em junho de 2023, a Bahia gerou 8.319 postos de trabalho com carteira assinada, passando a contar com 1.952.504 vínculos celetistas ativos, o que representa 0,43% sobre o quantitativo do mês imediatamente anterior.

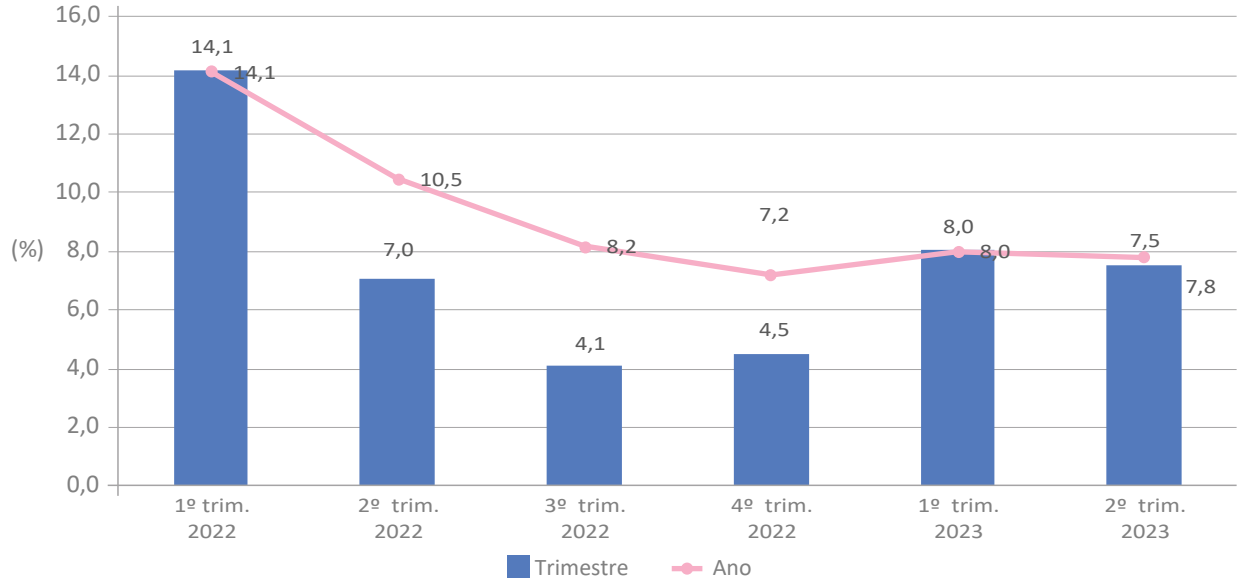
Assim, considerando que no próximo trimestre o programa Desenrola Brasil, do governo federal, já estará em vigor, bem como os efeitos da medida do Banco Central que decidiu, no princípio de agosto, reduzir a taxa básica de juros (taxa Selic), de 13,75% para 13,25%, a perspectiva é de que as vendas continuem em ascensão.

# SERVIÇOS

Rosangela Conceição
*rosangela@sei.ba.gov.br*

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia no segundo trimestre de 2023, quando comparado com o mesmo período do ano anterior, marcou crescimento de 7,5%, mantendo a aceleração iniciada em 2022. Essa é a nona taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação. A variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 4,0% (Gráfico 1).

**Gráfico 1**
**Volume de Serviços(1)(2) – Bahia – 1º trim. 2022-2º trim. 2023**




Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.
(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Todas as cinco atividades impulsionaram o volume de serviços da Bahia para cima, com destaque para a de *Serviços de informação e comunicação* (18,3%), com a variação mais expressiva, seguida por *Outros serviços* (14,6%), *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (5,4%), *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (4,0%) e *Serviços prestados às famílias* (3,9%).

Na comparação nacional, 24 das 27 unidades federativas contribuíram positivamente para o resultado nacional (4,0%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Mato Grosso (19,9%), seguido por Paraíba (14,1%), Maranhão (11,8%) e Santa Catarina (11,7%). Nessa comparação, a Bahia (7,5%) contabilizou a décima sétima variação positiva mais significativa entre as unidades da Federação, superando a média nacional. Em sentido oposto, Amapá (-4,5%), Mato Grosso do Sul (-2,2%) e São Paulo (-0,2%) registraram as influências negativas.

Nessa análise, a receita nominal baiana seguiu o mesmo comportamento do volume, e expandiu 7,1% em relação ao mesmo período do ano anterior. Todas as cinco atividades incrementaram a receita do setor de Serviços, com destaque para *Outros serviços* (20,6%), seguidos por *Serviços de informação e comunicação* (19,4%), *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (9,7%), *Serviços prestados às famílias* (7,8%) e *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (0,3%).

Das 27 unidades da Federação, 25 contribuíram positivamente com o resultado da receita nominal nacional, que cresceu 7,0%. Destacaram-se Distrito Federal (16,6%), Mato Grosso (15,9%), Paraíba (15,8%), Roraima (14,4%) e Maranhão (13,3%). A Bahia (7,1%) contabilizou a vigésima variação positiva mais expressiva entre as unidades da Federação, superando a média nacional. Em sentido oposto, Mato Grosso do Sul (-3,8%) e Amapá (-0,6%), foram as influências negativas do período.

O volume de serviços na Bahia avançou 7,8%, no acumulado do primeiro semestre de 2023, em relação ao mesmo período do ano anterior. Nessa análise, todas as cinco atividades impulsionaram o volume para cima, com destaque para *Serviços de informação e comunicação* (12,8%), com a maior variação, seguidos por *Outros serviços* (11,9%), *Serviços prestados às famílias* (7,0%), *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (6,8%) e *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (6,6%).

Na comparação nacional, o volume de serviços de 25 unidades federativas contribuiu positivamente para o resultado nacional (4,7%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Mato Grosso (14,3%), seguido por Paraíba (12,8%), Paraná (11,8%) e Tocantins (11,1%). Assim, a Bahia (7,8%) contabilizou a décima primeira variação positiva mais significativa entre as unidades pesquisadas. Em sentido oposto, Mato Grosso do Sul (-1,1%) e Amapá (-0,9%) contabilizaram os resultados negativos.

No acumulado do primeiro semestre de 2023, a receita nominal de Serviços na Bahia cresceu 9,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. Nessa análise, todas as cinco atividades incrementaram a receita do setor, com destaque para *Outros serviços* (18,2%), seguidos por *Serviços prestados às famílias* (16,0%), *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (13,1%), *Serviços de informação e comunicação* (12,8%) e *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (4,9%).

Na comparação em nível nacional, 26 das 27 unidades contribuíram positivamente para o resultado do setor no país (9,3%). As maiores variações, em termos regionais, ocorreram na Paraíba (16,9%), seguida por Tocantins (16,1%), Roraima (15,5%), Paraná (15,0%) e Mato Grosso (14,4%). Nessa comparação, Mato Grosso do Sul (-1,1%) foi o único a registrar resultado negativo.

Conforme a Sondagem Empresarial da Fundação Getulio Vargas (FGV)[1], o Índice de Confiança de Serviços (ICS) recuou 0,6 ponto em agosto, alcançando 97,4 pontos, após cinco meses consecutivos de alta. Em médias móveis trimestrais, o índice manteve a tendência de alta ao crescer 1,5 ponto.

"O resultado desse mês pode ser enxergado como uma acomodação, influenciado por piora da satisfação dos empresários sobre o momento atual, que está relacionado diretamente a uma redução da demanda, sugerindo uma desaceleração da tendência de crescimento que o setor vinha apresentando desde março. Por mais que o ambiente macroeconômico tenha dado sinais mais favoráveis, recentemente, o ano de 2023 ainda deve ser desafiador, e era esperado que a recuperação do setor perdesse um pouco da sua força, apesar de sua resiliência. A manutenção desse cenário depende da continuidade de notícias positivas no campo econômico", avaliou Rodolpho Tobler, economista do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE/FGV).

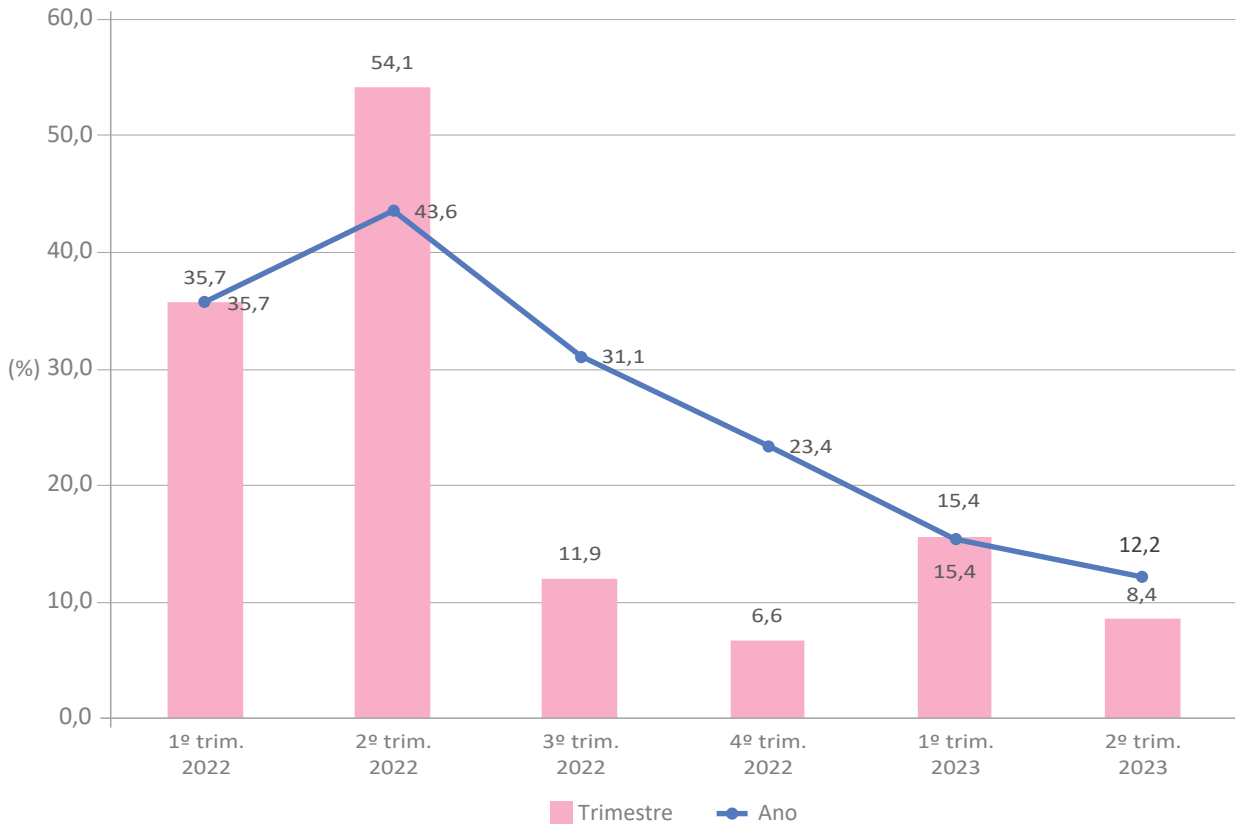
1 SONDAGEM DE SERVIÇOS. RIO DE JANEIRO: FGV IBRE, maio 2023. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/system/files/2023-08/Sondagem%20de%20Servicos%20FGV_press%20release_Ago23_0.pdf >. Acesso em: 30 agosto 2023.

# TURISMO

Rosangela Conceição
*rosangela@sei.ba.gov.br*

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com resultados sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas[1] na Bahia, no segundo trimestre de 2023, quando comparado com o mesmo período do ano anterior, marcou expansão de 8,4%, mantendo a aceleração iniciada em 2022. Essa é a nona taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação (Gráfico 1).

**Gráfico 1**
**Volume das atividades turísticas(1)(2) – Bahia – 1º trim. 2022-2º trim. 2023**




Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.
(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

1 Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil expandiu 6,4% no acumulado do segundo trimestre de 2023, ante o mesmo período do ano anterior. Dez dos 12locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Minas Gerais (14,7%), Rio de Janeiro (11,7%), Paraná (8,6%) e Bahia (8,4%). Em sentido oposto, Ceará (-4,2%) e Distrito Federal (-0,2%) apresentaram resultados negativos.

Seguindo a mesma tendência, a receita nominal das atividades turísticas no Brasil expandiu 16,7% no acumulado do segundo trimestre de 2023, ante o mesmo período do ano anterior. Todas as unidades federativas apresentaram ritmo semelhante de crescimento, com destaque para Distrito Federal (27,2%), Minas Gerais (26,6%), Rio de Janeiro (19,3%), Paraná (17,5%) e São Paulo (17,0%). Nessa comparação, a Bahia (10,5%) apontou a décima variação positiva mais expressiva, enquanto o Ceará (0,5%), a variação menos expressiva.

De acordo comas informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, no segundo trimestre de 2023, o setor de turismo na Bahia incorporou 655 novos postos de trabalho com carteira assinada, decorrentes da diferença entre 13.571 admissões e 12.916 desligamentos. Tal resultado, entretanto, revelou-se menor do que o de um ano atrás, já que o saldo, no conjunto dos meses de abril a junho de 2022, havia sido de 1.498 novos empregos celetistas.

No segundo trimestre de 2023, dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo na Bahia, 13 exibiram saldo positivo, dez registraram saldo negativo e quatro ficaram com saldo nulo. No referido intervalo, os maiores saldos despontaram em *Locação de automóveis sem condutor* (+248 postos), *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (+248 vagas) e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional* (+83 vínculos). Em contrapartida, *Parques de diversão e parques temáticos* (-35 empregos), *Atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente* (-31 postos) e *Locação de meios de transporte, exceto automóveis, sem condutor* (-19 vagas) foram aqueles com os piores resultados, exibindo mais desligamentos do que admissões.

No que diz respeito exclusivamente ao conjunto das 13 zonas turísticas do estado da Bahia, no segundo trimestre de 2023, constatou-se o surgimento líquido de 476 vagas de emprego com carteira assinada (diferença entre 12.548 admissões e 12.072 desligamentos) – indicando, dessa maneira, uma conjuntura menos robusta em termos de geração de postos de trabalho do que a averiguada no mesmo trimestre do ano anterior, quando 1.368 novos vínculos celetistas haviam sido estabelecidos nesse recorte geográfico. Das 13 zonas turísticas do estado, dez delas evidenciaram surgimento líquido de vagas no intervalo mais

recente. Os maiores saldos foram observados nas seguintes zonas: Baía de Todos-os-Santos (+477 vagas), Chapada Diamantina (+89 postos) e Caminhos do Oeste (+52 postos). Em contrapartida, Costa do Dendê (-140 vínculos), Costa dos Coqueiros (-113 vagas) e Costa do Descobrimento (-104 empregos) foram aquelas com os piores desempenhos em termos de saldo de postos de trabalho, todos com perda líquida de vagas.

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil cresceu 8,6% no primeiro semestre de 2023, ante o mesmo período de 2022, impulsionado, sobretudo, pelos aumentos de receita obtidos por empresas dos ramos de locação de automóveis, restaurantes, hotéis, agências de viagens, serviços de bufê e transporte rodoviário coletivo de passageiros. Regionalmente, todos os 12 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Minas Gerais (19,1%), seguido por Paraná (12,8%), Bahia (12,2%) e Santa Catarina (9,9%).

Em relação à receita nominal, todas as unidades acompanharam esse movimento de crescimento verificado na atividade turística nacional (23,0%), com destaque para Minas Gerais (30,4%), Distrito Federal (30,4%), Paraná (25,6%) e São Paulo (23,2%). Nessa comparação, a Bahia (19,2%) apontou a oitava variação positiva mais expressiva, enquanto o Ceará (12,7%), a variação menos expressiva entre os locais pesquisados.

Os investimentos das empresas públicas e privadas, no segundo trimestre de 2023, para a realização dos festejos juninos, impulsionou o turismo religioso. Com isso, o índice registrou aumentos de receita obtidos por empresas dos ramos de locação de automóveis, restaurantes, hotéis, agências de viagens, serviços de bufê e transporte rodoviário coletivo de passageiros.

Nesse mesmo período,a Organização Mundial do Turismo (OMT)[2]aderiu àAliança Mundial de Investimento para o Desenvolvimento (WIDA).Como parte da Aliança, a OMT trabalhará para melhorar o nível e a eficácia do investimento no setor, com o objetivo de apoiar e acelerar a implementação da Agenda 2030 e dos seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

De acordo com o secretário-geral da OMT, Zurab Pololikashvili, "o investimento é muitas vezes o ingrediente que falta para transformar em realidade os nossos planos partilhados para um setor do turismo mais sustentável, inclusivo e resiliente. A OMT tem orgulho de aderir à Aliança Mundial de Investimento para o Desenvolvimento e esperamos trabalhar juntos para repensar e transformar os investimentos em turismo".

2 OMT FORTALECE COOPERAÇÃO EM TORNO DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS. OMT (Organização Mundial do Turismo). Disponível em: <https://www.unwto.org/news/unwto-strengthens-cooperation-around-tourism-investments>. Acesso em: 30 agosto 2023.

O presidente da WIDA, James Zhan, acrescenta: "A WIDA reconhece plenamente que a OMT tem desempenhado um papel de liderança na promoção do investimento no turismo para o desenvolvimento sustentável e o crescimento inclusivo. Acredita que a OMT partilha os mesmos valores da WIDA e pode dar um contributo significativo para as nossas causas comuns."

Os dados da OMT mostram que, como resultado da pandemia, os níveis de investimento no turismo caíram drasticamente.A Agência Especializada das Nações Unidas organizará o Dia Mundial do Turismo em 2023 (no dia 27 de setembro) em torno do tema "Investimentos Verdes". De acordo com Pololikashvili, uma cooperação reforçada com as partes interessadas do setor privado será vital, tanto para aumentar os níveis de investimento como para direcionar financiamento para projetos centrados na sustentabilidade.

# COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior
*arthurcruz@sei.ba.gov.br*

Henrique Rocha Reis
*henriquereis@sei.ba.gov.br*

A economia global continua recuperando-se gradualmente dos impactos da pandemia de covid-19 e da guerra no Leste Europeu, mas ainda tem muitos desafios à frente. Os inegáveis sinais de progresso no curto prazo levaram o Fundo Monetário Internacional (FMI) a melhorar sua previsão de crescimento global para 3% em 2023, um aumento de 0,2 ponto percentual em relação ao estimado em abril. Vários dados positivos nos últimos meses contribuíram para essa mudança na avaliação do FMI, incluindo a resiliência do mercado de trabalho em economias avançadas, como os Estados Unidos e a Europa. Além disso, a forte recuperação dos gastos em serviços como o turismo no primeiro trimestre, a diminuição dos riscos de estabilidade financeira e uma redução das interrupções na cadeia de suprimentos colaboraram com essa nova perspectiva.

Os preços da energia e dos alimentos caíram acentuadamente dos picos induzidos pela guerra, permitindo que as pressões inflacionárias globais diminuíssem mais rapidamente que o esperado. Apesar da revisão positiva, a nova projeção para a economia global segue bem abaixo do crescimento de 3,5% registrado em 2022. "O crescimento continua fraco pelos padrões históricos. As forças que impediram o crescimento em 2022 persistem," apontou o FMI.

Os países avançados concentram a maior parte da desaceleração, devendo crescer apenas 1,5% ao ano, em comparação com os 2,7% do ano anterior. Já o crescimento nas economias de países emergentes e em desenvolvimento deve se manter relativamente estável em 4% em 2023, mesmo percentual de 2022.

Parte da desaceleração do crescimento resultado impacto de políticas prejudiciais, como as que levam à fragmentação geoeconômica. O movimento de fragmentação do comércio global e as mudanças nas cadeias de produção tendem a deslocá-las para regiões próximas aos países mais ricos, detentores de grandes mercados consumidores, como Estados Unidos e Europa. Isso irá afetar a competitividade dos países emergentes e em desenvolvimento, mais dependentes de medidas de cooperação.

Além disso, a falta de avanços na transição climática deixará os países mais pobres expostos a eventos climáticos cada vez mais severos e ao aumento das temperaturas, mesmo que esses países respondam apenas por uma pequena fração das emissões globais.

Nesse cenário, o FMI destaca que o crescimento do comércio mundial está desacelerando e chegará a apenas 2,0% em 2023, antes de subir para 3,7% em 2024, embora ambas as taxas de crescimento estejam bem abaixo dos 5,2% registrados em 2022.

A inflação global deverá continuar a desacelerar ao longo do ano, saindo de 8,7% em 2022 para 6,8% em 2023 — uma revisão para baixo, de 0,2 ponto percentual em relação a abril. Mesmo assim, a inflação segue em níveis elevados, corroendo o poder de compra das famílias. As políticas de aperto monetário dos bancos centrais para combater a inflação elevam os custos de financiamento e exercem pressão sobre a atividade econômica. A continuidade da guerra no Leste Europeu também contribui com a incerteza da economia global.

Entretanto, os últimos dados sobre o crescimento econômico das principais nações do mundo confirmam que a atividade global está mais resiliente, impulsionada pelo consumo, o que retarda a desaceleração esperada pelas instituições multilaterais. Mesmo assim, a projeção aponta desaceleração em relação a 2022, com as economias desenvolvidas crescendo menos e a China compensando parte desse movimento.

Inclusive, o FMI manteve para a China, principal parceiro comercial do país, crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) inalterado em 5,2% em 2023 e em 4,5% em 2024. A organização internacional alertou, no entanto, que a recuperação da economia chinesa está tendo baixo desempenho, sendo que uma contração mais profunda no setor imobiliário continua representando um risco.

Para o Brasil, o baixo dinamismo econômico do gigante asiático ainda não se refletiu nas exportações. O saldo comercial registrou superávit de US$ 29,4 bilhões no segundo trimestre de 2023, novo recorde histórico para o período, 33,4% acima do observado no mesmo intervalo do ano anterior. As exportações seguiram em patamar elevado no segundo trimestre, embora inferiores em 1,7% no comparativo interanual – US$ 89,8 bilhões, por conta do fator preço. Destaque para o bom desempenho das exportações de grãos e petróleo, a despeito dos preços mais baixos no mercado internacional, que vêm sendo compensados pelo aumento do volume embarcado.

Já as importações perdem força na margem. Alcançaram US$ 60,3 bilhões no segundo trimestre, com redução de 13%. Já no acumulado do primeiro semestre de 2023, as importações chegaram a US$ 120,6 bilhões, com queda de 7,1% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Já os embarques subiram 1% e somaram US$ 165,7 bilhões. O volume tem apresentado os maiores valores da série, ao passo que os preços vêm caindo.

No primeiro semestre de 2023, uma leve alta dos embarques, combinada com recuo do valor importado, num dinamismo também influenciado por queda de preços, resultaram num superávit de US$ 45,1 bilhões, também histórico para o período na série iniciada em 1989, 31,5% superior ao primeiro semestre do ano anterior. Para 2023, as projeções convergem para um superávit em torno de US$ 75 bilhões.

A tendência para os próximos meses é de a exportação manter queda relevante de preços, mas com quantum ainda relativamente elevado, mesmo com o fim do período sazonal de embarque da soja, que acontece no decorrer do segundo semestre. A perspectiva, nesse período em 2023, é de saldos comerciais melhores, porém mais próximos dos registrados em 2022.

**Tabela 1**
**Balança comercial – Bahia – Jan.-jun. 2022/2023** (Valores em US$ 1000 FOB)

| Discriminação | 2022 | 2023 | Var. % |
|---|---|---|---|
| Exportações | 6.831.721 | 4.999.356 | -26,82 |
| Importações | 5.824.047 | 4.739.730 | -18,62 |
| Saldo | 1.007.674 | 259.626 | -74,24 |
| Corrente de comércio | 12.655.768 | 9.739.086 | -23,05 |

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/07/2023, http://comexstat.mdic.gov.br
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Marcadas por queda de preços e redução da demanda global, as exportações baianas fecharam o primeiro semestre de 2023 com queda de 26,8%, aproximadamente a US$ 5 bilhões. O volume embarcado também perdeu força e recuou 11,4%, todos no comparativo interanual.

As exportações registraram queda de 17,4% nos preços médios, no primeiro semestre, diante do ambiente global de desaceleração da economia e aperto monetário em vários mercados. No mesmo período do ano anterior, a economia mundial passava por tempos de bonança, com o aumento do consumo mundial pós-covid e a consequente alta de preços, motivada não apenas pela reabertura da economia, como também pela guerra no Leste Europeu. O conflito, aliás, fez subir os preços de diversos produtos, sobretudo petróleo e grãos, principais segmentos da pauta de exportação do estado da Bahia.

No segundo trimestre de 2023, as exportações baianas totalizaram US$ 2,44 bilhões, uma queda de 42,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. O recuo de preços dos produtos de exportação no último trimestre foi mais intenso que o esperado (-19,6%), embora a queda do volume embarcado tenha sido ainda maior: -28,2%. Em junho, em alguns setores, o resultado negativo superou em muito o declínio nos preços, como foi o caso dos segmentos

*Químico/petroquímico* (-28,1%), *Metais preciosos* (-28,7%),*Metalúrgicos* (-51,1%),*Algodão* (-32,2%),*Café e especiarias* (-39,3%) e *Derivados de petróleo* (-96,4%), o que se transformou no principal fator para a queda das receitas de exportação no mês (-47,2%).

A tendência para os próximos meses é de a exportação manter queda relevante de preços, com um quantum ainda declinante, acentuado pelo fim do período sazonal de embarque da soja, que acontece no decorrer do segundo semestre. Na Bahia, esse comportamento também se deve à oscilação da indústria de transformação, capitaneada pelo refino que, depois de ter recuperado níveis de exportação em 2022, mostrou desempenho bem abaixo do esperado no segundo trimestre de 2023. Já no primeiro semestre, a exportação dessa indústria recuou 33% na comparação com o mesmo período de 2022.

O fraco desempenho dos produtos da indústria de transformação é resultado da sua maior contaminação por ciclos de *commodities*. Esses produtos funcionaram como amortecedores no contexto de recomposição de base, mas foram perdendo o efeito, ante a queda de preços num ambiente global de desaceleração da economia e aperto monetário em vários mercados. A agenda prioritária para dar maior competitividade à exportação desses produtos passa pelo encaminhamento do acordo Mercosul-União Europeia e também pela aprovação da reforma tributária sobre o consumo, em tramitação no Congresso.

No segundo semestre de 2023, portanto, o panorama não é tão favorável. Os embarques agrícolas, principalmente os de soja em grãos, concentram-se na primeira metade do ano. Além do fator sazonal, há o conjuntural. Os principais parceiros comerciais dão sinais de redução em suas atividades econômicas e, portanto, demonstram menor propensão às compras.

Na comparação com o primeiro semestre de 2022, houve queda nas vendas para todos os blocos econômicos e para os três maiores destinos das exportações estaduais: China (-22,8%), Singapura (-40,1%) e Estados Unidos (-19,1%). Houve aumento nas vendas somente para Canadá (31,8%)– ouro, minério de níquel e pneus; Alemanha (13,3%) – farelo de soja, magnesita, fumo e pneus, e Japão (290%) – ferro silício, soja, milho e celulose.

No contexto externo, a disputa comercial entre a China e os Estados Unidos está gerando repercussões no mundo todo, e dispara uma disputa comercial acirrada. Os dois países são, respectivamente, o primeiro e o segundo parceiros comerciais da Bahia. No primeiro semestre de 2023, a corrente de comércio entre a Bahia e os Estados Unidos diminuiu 49,3% em relação ao ano anterior, totalizando US$ 1,43 bilhão. A pressão veio principalmente da queda de 57% das importações baianas, enquanto as exportações diminuíram 19%.

Destacam-se as vendas de bens industriais baianos, que representaram 65% da pauta de embarques para os Estados Unidos. Sete dos dez produtos mais vendidos são da indústria de transformação. A relação inclui produtos químicos, papel, derivados de petróleo e pneus. Já as exportações para a China concentram-se em *commodities* agrícolas e minerais, que constituem os alicerces da balança comercial baiana.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado no segundo trimestre tiveram discreta melhora em relação aos praticados nos primeiros três meses do ano. Subiram pouco, apenas 0,4%, ante o trimestre imediatamente anterior, permanecendo em retração de 19,6%, quando comparados ao mesmo período de 2022.

Portanto, a perspectiva que permanece é a de um cenário desafiador para 2023, com a acomodação de preços dos principais produtos da pauta baiana de exportação e o comércio global em desaceleração. A queda de preços no comparativo interanual, no acumulado até junho, chega a 17,4%.

A valorização de quase 9% do Real ante o Dólar no primeiro semestre de 2023 não deverá ter impacto significativo nos resultados das exportações do ano, mas apenas em 2024. A valorização cambial afetará a rentabilidade do exportador em 2023, mas a dinâmica do comércio é influenciada também por fatores como a demanda dos produtos e oportunidades de mercado.

A valorização da moeda nacional vai gerar mais poder de compra, mais consumo e mais importação, provavelmente em 2024. O Real ainda tem margem para se valorizar nos próximos meses, sendo que o mercado trabalha no período corrente com uma taxa de equilíbrio no câmbio, com o Dólar cotado entre R$ 4,40 e R$ 4,50. A taxa de equilíbrio é o patamar de cotação de uma moeda nacional sem gerar pressão nas transações correntes.

Do ponto de vista dos exportadores, a valorização do Real pressupõe uma rentabilidade menor na venda em Dólar de suas mercadorias no exterior e menos estímulo para exportar. A questão é que, em muitos casos, não existe a possibilidade de direcionar os produtos para o mercado interno.

O agricultor não pode deixar a safra de soja ou de milho na região, onde não há demanda para tanta oferta e nem mesmo uma infraestrutura de silos capaz de armazenar os grãos para uma possível venda valorizada no futuro.

A rentabilidade do agricultor e da indústria mineral não deve ser afetada em 2023 diante da prática majoritária de contratos de médio e longo prazos, em que o câmbio é fechado geralmente trimestralmente. A valorização da moeda, nesse caso, influencia decisões de investimentos e a produção para o próximo ano.

Nas transações com *commodities*, o impacto do câmbio é imediato apenas nos contratos *spots*, em que os acertos são pagos à vista, com a liquidação financeira ocorrendo na entrega da mercadoria.

As *commodities* baianas possuem facilidade de acesso ao mercado internacional, diante do reduzido número de competidores com as mesmas vantagens produtivas da agropecuária do estado, que soma tecnologia e boas condições de clima e solo, além da mineração, que extrai minérios com alto teor de pureza. O efeito da valorização do Real deverá ser mais sentido nas exportações de produtos industriais, que terão ainda menos rentabilidade e competitividade.

**Tabela 2**
**Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-Jun. 2022/2023**

| Segmentos | Valores (US$ 1000 FOB) 2022 | 2023 | Var. % | Part. % | Var. % Preço médio |
|---|---|---|---|---|---|
| Soja e Derivados | 1.461.427 | 1.276.035 | -12,69 | 25,52 | -5,34 |
| Petróleo e Derivados | 2.082.225 | 1.091.558 | -47,58 | 21,83 | -29,96 |
| Papel e Celulose | 549.241 | 604.649 | 10,09 | 12,09 | 7,50 |
| Químicos e Petroquímicos | 819.176 | 558.963 | -31,77 | 11,18 | -21,71 |
| Metais Preciosos | 247.606 | 302.990 | 22,37 | 6,06 | -28,00 |
| Metalúrgicos | 289.735 | 206.951 | -28,57 | 4,14 | -20,06 |
| Minerais | 399.237 | 208.062 | -47,89 | 4,16 | -16,52 |
| Borracha e Suas Obras | 88.132 | 102.693 | 16,52 | 2,05 | 17,54 |
| Algodão e Seus Subprodutos | 264.970 | 100.989 | 4,20 | 4,20 | -17,19 |
| Cacau e Derivados | 105.232 | 99.587 | -5,36 | 1,99 | -2,44 |
| Milho em grão | 21.541 | 89.207 | 314,13 | 1,78 | -19,21 |
| Café e Especiarias | 138.915 | 87.642 | -36,91 | 1,75 | -9,78 |
| Frutas e Suas Preparações | 66.293 | 79.118 | 19,35 | 1,58 | 7,83 |
| Sisal e Derivados | 45.567 | 48.091 | 5,54 | 0,96 | -19,02 |
| Calçados e Suas Partes | 50.793 | 46.096 | -9,25 | 0,92 | 16,25 |
| Couros e Peles | 39.986 | 17.126 | -57,17 | 0,34 | -35,96 |
| Carne e Miudezas de Aves | 15.680 | 15.427 | -1,62 | 0,31 | 4,19 |
| Fumo e Derivados | 14.446 | 15.248 | 5,55 | 0,30 | 7,69 |
| Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos | 82.544 | 9.371 | -88,65 | 0,19 | 31,40 |
| Demais Segmentos | 1.510.405 | 1.315.588 | -12,90 | 26,32 | 18,14 |
| **Total** | **6.831.721** | **4.999.356** | **-26,82** | **100,00** | **-17,41** |

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/07/2023, http://comexstat.mdic.gov.br
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.
Obs.: (*) valores referentes a soma de empresas com endereço fiscal no estado da Bahia.

O segmento de *Soja e seus derivados* retomou a liderança da pauta, tanto pela queda nos embarques e nos preços dos *Derivados de petróleo*, como também a partir do escoamento da safra de grãos que ocorre tradicionalmente em maior volume no segundo trimestre. Foi vendido o equivalente a US$ 1,3 bilhão do segmento no primeiro semestre de 2023, o que representa praticamente 26% das exportações baianas no período. A volta das exportações de milho também foi significativa, com embarques de 308,6 mil toneladas (t) e receita de US$ 89,2 milhões no semestre, contabilizando alta de 314,1% no comparativo interanual.

A crescente atratividade do milho resulta de um conjunto de fatores, visto que a alta produtividade deve-se ao melhoramento genético e aos investimentos em fertilidade, perfil de solo e irrigação. Observa-se ainda que a área agrícola irrigada no Brasil cresceu mais 22% de 2017 a 2019, chegando a 8,2 milhões de hectares (ha), com potencial efetivo de expansão para 13,7 milhões de ha em alguns anos, segundo os dados da Agência Nacional de Águas.

Por fim, ocorreu um robusto crescimento na demanda: o *trade* global de milho dobrou em dez safras e, em 2023, deve ultrapassar a marca de 200 milhões de t pela primeira vez na história, superando o trigo na posição de produto agrícola mais negociado no mundo. Nesse período, a produção global aumentou a uma taxa menor, cerca de 40%.

O segmento de Derivados de petróleo vem a seguir na pauta, com vendas de US$ 1,1 bilhão e queda de 47,6% no comparativo interanual, motivada, em grande parte, pela retração de preços, que chegou em média a 30% no semestre.

Quanto à oferta, em menos de um ano a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep+) tirou do mercado 3,5 milhões de barris, o equivalente a 3% da oferta mundial. Mesmo assim não foi suficiente para uma alta consistente de preços. O que parece é que os países produtores vão fazer de tudo para que se mantenha o preço do Brent minimamente atrativo para as suas economias, em uma tendência de oscilação do barril entre US$ 70 e US$ 80 até o fim do ano.

A economia americana será um dos principais pontos a ser monitorado por especialistas em petróleo no segundo semestre de 2023. Após o primeiro semestre indicar pouca volatilidade nos preços da *commodity*, a possibilidade de alta dos juros nos Estados Unidos e a fraqueza da recuperação econômica chinesa não apontam para uma demanda mais forte na segunda metade do ano.

O petróleo tipo Brent acumulou queda de 12% em 2023 até 30 de junho, fechando a US$ 70,78 o barril, enquanto o petróleo WTI recuou 11,96%, aos US$ 75,41. No mês de junho, o Brent subiu 3,72%, enquanto o WTI avançou 3,87%.

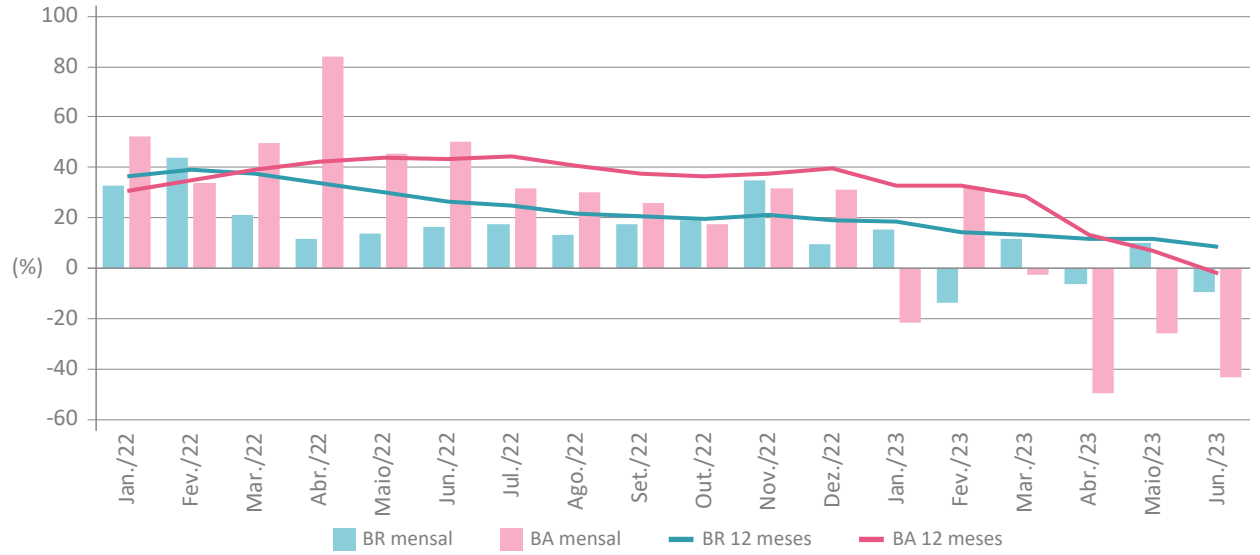
O segmento de *Papel e celulose* fechou vendas de US$ 604,6 milhões no semestre, 10,1% superior no comparativo interanual, com preços 7,5% acima quando comparados ao mesmo período de 2022. A melhora na demanda e os estoques mais baixos devem beneficiar os preços do produto, permanecendo, porém, dentro das expectativas. Apesar da queda mais acentuada do que o esperado no início do ano, os preços da fibra começam a se estabilizar e apresentam variação positiva sobre 2022.

Entretanto, preços mais baixos da celulose no segundo trimestre e a continuidade da pressão de custos, embora desta vez mais atrelada a paradas para manutenção, devem ter colaborado com resultados operacionais mais fracos. Já houve alguma reação por parte dos produtores, liderados pela Suzano, com o primeiro anúncio de aumento de preços para a Ásia em quase um ano e na reta final do segundo trimestre. Válido para junho, o reajuste foi de US$ 30 por tonelada, integralmente aplicado, levando os preços para US$ 480 por tonelada, ainda perto do piso histórico.

Acompanhando a redução dos preços do petróleo, a maioria dos produtos *Químicos/ petroquímicos* também registra baixa no semestre, acumulando na média, redução de 21,7%. As exportações caíram 31,8%, chegando a US$ 559 milhões. O quantum embarcado também teve queda de 12,8%. As exportações do segmento enfrentam o contexto do agravamento das dificuldades econômicas e cambiais da Argentina, que é, individualmente, o principal mercado de produtos baianos.

O segmento também enfrenta dificuldades com a importação de produtos, principalmente de países asiáticos com competitividade sustentada em matérias-primas russas adquiridas com preços favorecidos, em razão da guerra no Leste Europeu. Essa conjuntura deslocou o produto nacional, no próprio mercado local, comprometendo as exportações para os mercados de destino dos produtos nacionais. Tal situação agravou o nível de ociosidade nesses grupos de produtos estratégicos em diversas fábricas de todo o país.

**Gráfico 1**
**Variação (%) do Comércio Exterior – Exportações – Bahia-Brasil – 2022-2023**




Fonte: MDIC/Secex.
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As exportações baianas para a China, principal destino dos produtos do estado, caíram 22,8% no primeiro semestre de 2023, sempre calculadas em relação ao mesmo período do ano anterior. Já as vendas para a América do Norte tiveram a menor redução entre os blocos (-2,8). Isso se deveu ao aumento das vendas para o Canadá em 32%, principalmente de ouro, minério de níquel e pneus.

## IMPORTAÇÃO

As importações baianas no semestre caíram menos que as exportações, alcançando US$ 4,74 bilhões e recuo de 18,6% no comparativo interanual. Os preços médios recuaram 15% (menos que o das exportações), enquanto que o volume desembarcado teve redução de 4,3%.

A redução das importações baianas em 2023 resulta de uma queda nos volumes adquiridos no exterior, somada a uma baixa ainda maior nos preços dessas mercadorias. *Bens intermediários* colaboram com essa queda, com variação negativa de 27% (produtos como semicondutores, equipamentos de telecomunicações, autopeças e produtos químicos). Esses itens estavam inflacionados por problemas em suas cadeias produtivas que agora estão sendo superados.

Combustíveis e fertilizantes, os dois principais itens importados pela Bahia, tiveram seus preços reduzidos no semestre em, respectivamente, 17,2% e 20,7%. Em volume, a queda nas compras foi verificada nas principais categorias de insumos adquiridos pela indústria de transformação. A exceção foi o aumento de 34% em volume nas compras de *Bens de capital*, principalmente em *Máquinas e aparelhos mecânicos.*

**Tabela 3**
**Importações baianas por categorias de uso – Jan.-jun. 2022/2023** (Valores em US$ 1000 FOB)

| Discriminação | 2022 | 2023 | Var. % | Part. % |
|---|---|---|---|---|
| Bens Intermediários (BI) | 4.012.359 | 2.928.267 | -27,02 | 71,35 |
| Combustíveis e Lubrificantes | 1.482.141 | 1.493.939 | 0,80 | 36,40 |
| Bens de Capital (BK) | 232.065 | 242.739 | 4,60 | 5,91 |
| Bens de Consumo (BC) | 97.478 | 74.127 | -23,95 | 1,81 |
| Bens não especificados anteriormente | 4 | 656 | - | 0,02 |
| **Total** | **5.824.047** | **4.739.730** | **-18,62** | **100,00** |

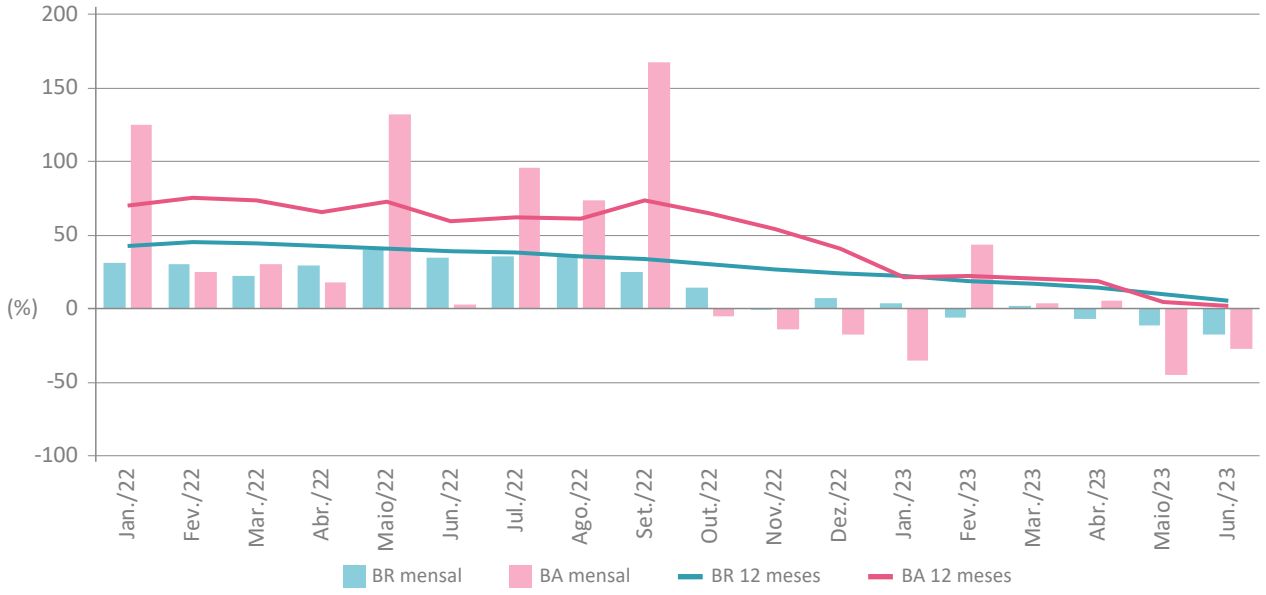
Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/07/2023, http://comexstat.mdic.gov.br
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

As compras dos dois principais parceiros comerciais do estado da Bahia despencaram no primeiro semestre. A queda das importações dos Estados Unidos foi de 57%, enquanto a da China chegou a 35,3%.

Afora a variável preço (que recuou em, ao menos, cinco dos dez itens mais importados pela Bahia, vindos dos dois países), os menores volumes adquiridos de combustíveis (principalmente Gás Natural Liquefeito–GNL), químicos, motores/geradores e aparelhos eletrônicos explicam, preponderantemente, o resultado da redução das compras nos dois maiores fornecedores do estado no primeiro semestre.

No seu total, a redução nas importações evidencia o baixo dinamismo na economia, observado na redução da corrente de comércio do estado em 23% no período, principalmente devido à baixa produtividade na indústria de transformação.

**Gráfico 2**
**Variação (%) do Comércio Exterior – Importações – Bahia-Brasil – 2022-2023**




Fonte: Mdic/Secex.
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

# FINANÇAS PÚBLICAS

Eduardo Augusto Santos Brito
*eduardobrito@sei.ba.gov.br*

Gabriel Oliveira Barbosa
*gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br*

Marília Jane Campos
*mariliajane@sei.ba.gov.br*

O relatório recente do Fundo Monetário Internacional (FMI) traz perspectivas positivas para as projeções de inflação global nos próximos anos. Prevê-se uma queda de 22% na inflação em 2023, seguida por um decréscimo adicional de 24% em 2024. Apesar desses números promissores, é importante notar que, mesmo com essa diminuição, a perspectiva é de que a inflação permaneça acima dos níveis pré-pandemia registrados em 2019.

O controle da inflação é apontado pelo FMI como prioridade de política macroeconômica. Tal objetivo torna-se mais complexo para algumas economias devido a incertezas como conflitos geopolíticos, resquícios da crise sanitária e instabilidade política. Para lidar com o desafio, o Fundo recomenda a continuidade da política monetária restritiva (manutenção de taxas básicas de juros em patamares elevados).

Além disso, é também recomendada a chamada consolidação fiscal, diminuindo a demanda agregada – reduzindo, assim, a transmissão dos choques de custos – e abrindo espaço para possíveis intervenções dos Bancos Centrais para enfrentar problemas de insolvência. A dívida corporativa, que já exibia tendência crescente nos últimos anos nos países centrais, elevou-se ainda mais após a pandemia e a guerra.

Observa-se também que alguns países, destacadamente os Estados Unidos, têm exibido taxas de desemprego bastante baixas, o que pode resultar em pressão sobre os níveis de preço.

No chamado Sul Global, o mais preocupante continua sendo o endividamento público, com alguns países da África e da América Latina apresentando riscos de insolvência, em especial aqueles que possuem alto endividamento em moeda estrangeira. A Argentina é o caso mais próximo e conhecido, e possui algumas particularidades que fogem ao escopo desse panorama. De todo modo, muito mais que um problema fiscal ou monetário, a dificuldade, na maior parte desses países, é de restrição de divisas internacionais e déficit estrutural de balanço de pagamentos.

Ainda no Sul Global, particularmente na África, revoltas populares e golpes militares – todos de cunho nacionalista ou anticolonialista – têm surgido, com o potencial de causar ainda mais turbulências na economia global, especialmente nos preços de *commodities* minerais e de energia. Isso teria um impacto ainda maior na Europa, que depende mais fortemente de suas ex-colônias, enfrentando, em certa medida, a limitação do acesso a petróleo, gás, grãos e fertilizantes da Rússia e da Ucrânia.

No Brasil, em contraste com o resto do mundo, no segundo trimestre houve um recuo significativo da inflação medida em 12 meses. Na contramão da tendência, o Comitê de Política Monetária (*Copom*) seguiu mantendo a taxa básica de juros (meta Selic) em níveis altos. A expectativa é de cortes graduais no segundo semestre, mas é imprevisível por quanto tempo esses níveis irão persistir. No segundo semestre de 2022, houve atípica deflação, ocasionada pelas medidas do governo anterior para cortar impostos nas proximidades da eleição. Dessa maneira, a tendência decrescente da inflação de 12 meses pode ser revertida.

Dados do mês de junho apresentados no Boletim do Tesouro Nacional revelam uma queda significativa de 26% na receita líquida real do governo federal em comparação com o mesmo mês do ano anterior. Essa redução pode ser atribuída a dois principais fatores que impactaram as finanças públicas: primeiramente, houve uma drástica queda (-95%) nas arrecadações e concessões, influenciada pelo resultado da Eletrobrás. O segundo fator de impacto foi o menor recebimento de dividendos e participações por parte das estatais, com destaque para o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e para a Petrobras.

Salienta-se que o resultado da Eletrobrás foi decorrente do recebimento de R$27,5 bilhões em junho de 2022, referentes ao bônus de outorga dos novos contratos de concessão de geração de energia elétrica, advindos do processo de desestatização da empresa. É uma operação que gera um caixa imediato para o governo, porém, não gera fluxos futuros.

Quanto à piora do resultado do BNDES e da Petrobras, ela é consequência da mudança na gestão dessas empresas, em particular da última. No governo anterior, o banco tinha foco na maximização de lucros de acionistas e, em junho de 2022, obteve enorme receita oriunda de dividendos e juros sobre capital próprio. Apesar dos resultados financeiros expressivos, essa gestão colecionou críticas por ter gerado baixo investimento, baixo retorno social e desintegração de cadeias produtivas.

Já em 2023, um fato positivo foi o aumento de 2,2% na arrecadação do imposto de renda no acumulado dos seis primeiros meses do ano, em comparação com o mesmo período de 2022. Esse crescimento foi impulsionado principalmente pelo recebimento de valores retidos na fonte, bem como pela tributação da renda fixa, tanto de indivíduos quanto de empresas.

Trata-se de um resultado, em certa medida, surpreendente, visto que foi impactado negativamente pela correção da tabela do Imposto sobre a Renda da Pessoa Física (IRPF).

No saldo do setor público consolidado, houve aumento do déficit, assim como da relação dívida líquida do setor público/Produto Interno Bruto (DLSP/PIB), no comparativo entre o primeiro semestre de 2022 e o mesmo período de 2023. O resultado decorreu especialmente da variação real das receitas (-5,1%), embora as despesas também tenham exibido crescimento em termos reais (5,1%), contribuindo para a piora do quadro fiscal.

Há expectativa de recuperação das receitas que o governo deixou de arrecadar em 2022 por meio de decretos e medidas provisórias. Além disso, o segundo semestre do mesmo ano também foi caracterizado por um alto aumento de despesas. Desse modo, é esperada uma melhora do quadro fiscal no curto prazo, por conta da base baixa. A Figura 1 ilustra o comportamento da DLSP/PIB, bem como as necessidades de financiamento do setor público (NFSP).

**Gráfico 1**
**DLSP (%PIB) e NFSP (milhões de R$) – Bahia – Jan. 2017-jun. 2023**

Fonte: Banco Central do Brasil.
Elaborão: SEI/Distat/Coref.

No primeiro semestre de 2023, houve a aprovação do novo marco fiscal, que substitui a antiga regra do teto de gastos. De acordo com a nova proposta, haverá não apenas um limite para aumento de despesas – desta vez relacionado ao crescimento das receitas e não mais à inflação–,mas também metas de resultado primário que terão uma margem de cumprimento, para cima e para baixo. Resultados abaixo da margem implicarão automaticamente em redução do limite para aumentos de despesa no ano subsequente, enquanto resultados acima da margem serão aplicados em investimentos.

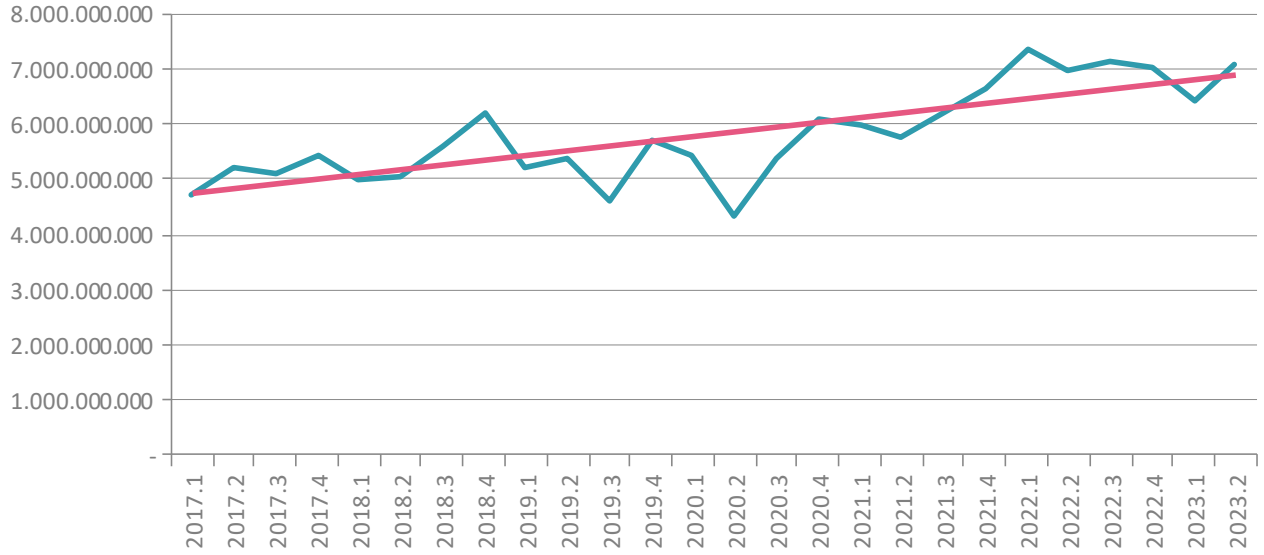
O novo marco foi visto como um avanço, um instrumento mais de acordo com as melhores práticas internacionais. Por sua vez, o governo recebeu diversas críticas e desconfianças sobre a sua capacidade de cumprir as metas definidas – déficit zero em 2024 e superávit de 1% do PIB em 2025 – sem recorrer ao aumento da carga tributária. O governo federal tem busca do aumentar receitas por meio do fim de algumas isenções e de descontos de alíquota, mas encontra forte resistência por parte do Congresso.

No contexto estadual, há semelhanças, uma vez que medidas legislativas também afetaram as receitas. Houve queda da arrecadação estadual a partir do segundo semestre de 2022, ocasionada majoritariamente pelos efeitos de leis complementares (LC) que mudaram a forma de cálculo e estabeleceram limites máximos para alíquotas do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de produtos como combustíveis.

Em contrapartida, já no segundo trimestre de 2023, houve uma significativa recuperação das receitas, que somaram mais de R$17,5 bilhões, 7,12% a mais que no primeiro trimestre. No comparativo anual (primeiro semestre de 2023 ante o mesmo período de 2022), a receita ainda é inferior, mas parece haver uma reversão de tendência.

O aumento de receitas no trimestre ocorreu apesar da queda, no mesmo período, das transferências via Fundo de Participação dos Estados (FPE). O aumento das receitas foi impulsionado pela maior arrecadação tributária, especialmente do ICMS, que segue tendência crescente, inclusive em termos reais (apesar da queda conjuntural, pelos motivos já expostos), o que pode ser observado na Figura 2.

**Gráfico 2**
**Arrecadação de ICMS – Bahia – Preços constantes (mar. 2020) – Evolução trimestral**




Fonte: Secretaria da Fazenda da Bahia.
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Por sua vez, no comparativo entre o primeiro semestre de 2023 e o mesmo período de 2022, a arrecadação de ICMS apresentou leve queda, variando -3,66%. Os efeitos das LC 192 e 194, de 2022, afetaram significativamente a composição da arrecadação do imposto por setor de atividade: O segmento Petróleo - Combustíveis - Lubrificantes, diretamente afetado pelas novas regras, perdeu bastante participação, saindo de 32,08% no primeiro semestre de 2022 para 25,09% no mesmo período de 2023. Em contrapartida, o setor que mais cresceu em participação foi o Comércio varejista, que saiu de 16,72% da arrecadação de ICMS para 20,31%.

Não somente o repasse do FPE apresentou queda – esperada, por ser um movimento sazonal, influenciado pela arrecadação de IR nos primeiros meses –, mas também o somatório das transferências da União. Quando observadas todas as contas que o compõem, percebe-se que apenas as transferências referentes ao *Imposto sobre Produtos Industrializados* (IPI-Exportação) apresentaram crescimento no segundo trimestre. Destaque para a significativa queda dos *royalties.*

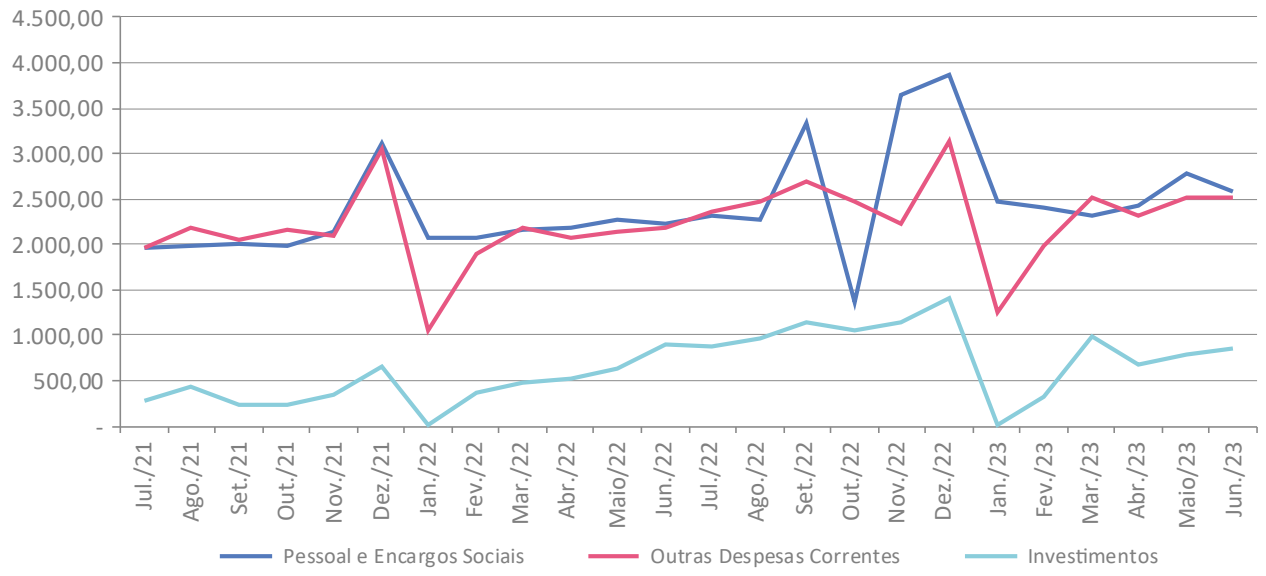
**Tabela 1**
**Transferências constitucionais realizadas – Bahia – 2023**

| Transferência | 1° trimestre | 2° trimestre | variação |
|---|---|---|---|
| CIDE / Combutíveis | 217.168,71 | - | -100,00% |
| FPE | 3.306.947.500,07 | 3.095.750.158,57 | -6,39% |
| Fundeb | 1.321.869.107,87 | 1.126.245.232,49 | -14,80% |
| IOF-Ouro | 32.367,53 | - | -100,00% |
| LC 176/2020 (ADO25) | 30.250.579,89 | 30.250.579,89 | 0,00% |
| IPI-Exportação | 43.249.506,36 | 47.397.014,95 | 9,59% |
| Royalties | 77.087.748,87 | 55.097.661,05 | -28,53% |

Fonte: Tesouro Nacional.
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

As despesas, por sua vez, cresceram 16,13% no primeiro semestre de 2023 em comparação ao mesmo período de 2022. Destacam-se as despesas de capital, mais especificamente o grupo Investimentos, que subiu 25,48%. A Figura 3 ilustra a evolução das despesas por grupo, dando destaque para as despesas correntes (pessoal e outras) e para o investimento.

**Gráfico 3**
**Evolução das despesas públicas estaduais (BA), por grupo de natureza de despesa (em R$ milhões)**




Fonte: Sefaz-BA.
Elaboraçãp: SEI/Distat/Coref.

A receita corrente líquida do estado segue trajetória de crescimento, tendo alcançado, no acumulado dos últimos 12 meses, R$55.638.657.396,51. A previsão da Secretaria da Fazenda da Bahia (Sefaz) é que ela encerre o ano em R$48.492.251.972,00, montante superior ao total de 2022, que ficou em R$47.536.254.628,49. As despesas com pessoal, no primeiro quadrimestre de 2023, alcançaram 75,97% do limite legal (e 84,41% do limite de alerta), enquanto a dívida consolidada chegou a 13,24%. Os dados mostram a saúde financeira do setor público baiano, e a existência de relativo espaço fiscal para aumentos de despesa e endividamento.

O Fundo de Participação dos Municípios (FPM), por sua vez, foi diretamente afetado pelos resultados do último censo demográfico. A repartição dos recursos do fundo da maior parte das cidades depende tão somente do tamanho de suas populações, que vinham sendo calculadas por meio de estimativa. No entanto, a discrepância entre o valor estimado em 2021 e a contagem realizada no censo 2022 mostrou-se em níveis bastante elevados em 13cidades baianas. Em 271 municípios houve registro de perda populacional entre as duas pesquisas.

A discrepância se justifica, em parte, pelo tempo prolongado entre os censos, e não pela realização da contagem populacional entre eles. O IBGE historicamente realizava contagens populacionais entre os censos para, entre outros objetivos, obter uma melhor calibragem para suas estimativas populacionais.

Após diversas ameaças de litígio, o governo aprovou a Lei Complementar 198, que determinava a manutenção dos coeficientes do FPM de municípios com redução populacional aferida no censo de 2022. Dessa maneira, os recursos foram redistribuídos de modo a nenhum deles ter prejuízo (embora isso signifique também um menor ganho para os municípios que aumentaram suas populações). Os beneficiados terão um redutor financeiro (10% ao ano) aplicado cumulativamente nos próximos dez anos, de modo a compensar o benefício recebido.

A medida emergencial torna-se necessária, dada a dependência de boa parte dos municípios, especialmente os de pequeno porte, dos recursos do FPM em seus orçamentos. Em 221 municípios da Bahia, tais recursos correspondem a mais de 40% das suas receitas anuais, enquanto, em apenas 17, correspondem a menos de 20%. É importante criar alternativas para que, em médio e longo prazo, os municípios menores possam ganhar mais dinamismo econômico e assim gerar mais receitas.

# PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
*joaopaulo@sei.ba.gov.br*

Denis Veloso
*dveloso@sei.ba.gov.br*

Carol Vieira
*carolvieira@sei.ba.gov.br*

## PIB baiano cresce 2,7% no segundo trimestre de 2023

**No primeiro semestre a alta foi de 1,8%, e no sazonal foi de 1,0%**

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 2,7% no segundo trimestre de 2023 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (segundo trimestre de 2023 em comparação com o primeiro trimestre do mesmo ano), o resultado foi de 1,0%. No semestre e no acumulado em 12 meses – taxa anualizada[1]–, o PIB registrou, respectivamente, acréscimos de 1,8% e 2,4%.

**Tabela 1**
**PIB trimestral – Bahia – 2023(1)**

| Períodos | Taxas (%) |
|---|---|
| 2º trim. 2023/2º trim. 2022 | 2,7 |
| 2º trim. 2023/1º trim. 2023 (sazonal) | 1,0 |
| 1º semestre de 2023 (janeiro a junho) | 1,8 |
| Acumulado 12 meses | 2,4 |

Fonte: SEI.
Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.
Nota: (1) dados sujeitos a retificação.

## PIB em Valor Corrente

No segundo trimestre de 2023, o PIB baiano totalizou R$113,9 bilhões, sendo que R$104,5 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos, e R$ 9,4 bilhões, aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a **Agropecuária** apresentou VA de R$ 17,8 bilhões, a **Indústria**, de R$ 23,6 bilhões, e os **Serviços**, de R$ 63,0 bilhões.

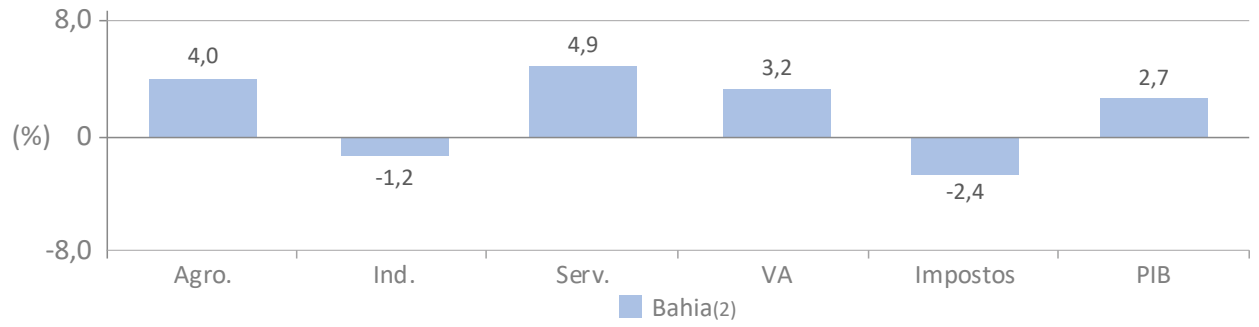
1 A taxa anualizada corresponde ao período acumulado em 12 meses. No caso deste boletim, considera-se o período de julho de 2022 a junho de 2023, em comparação ao mesmo período anterior.

Quando analisados os resultados acumulados no primeiro semestre de 2023, o PIB baiano totalizou R$ 228,9 bilhões, sendo que R$ 207,2 bilhões são referentes ao VA, e R$ 21,6 bilhões, aos impostos. No que diz respeito aos grandes setores, a **Agropecuária** apresenta VA de R$ 24,3 bilhões, a **Indústria**, de R$ 57,4 bilhões, e os **Serviços**, de R$ 125,6 bilhões.

**Segundo trimestre 2023/ segundo trimestre 2022**

Quando comparado ao mesmo período do ano anterior, o **PIB da Bahia** apresentou resultado positivo de 2,7% no segundo trimestre de 2023, conforme dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado (VA) apresentou variação de 3,2% e queda dos impostos sobre produtos líquidos de subsídios (-2,4%). Dois setores registraram expansão: **Agropecuária**, com taxa positiva de 4,0%, e **Serviços**, com alta de 4,9%. A retração ficou por conta do setor **industrial** (-1,2%).

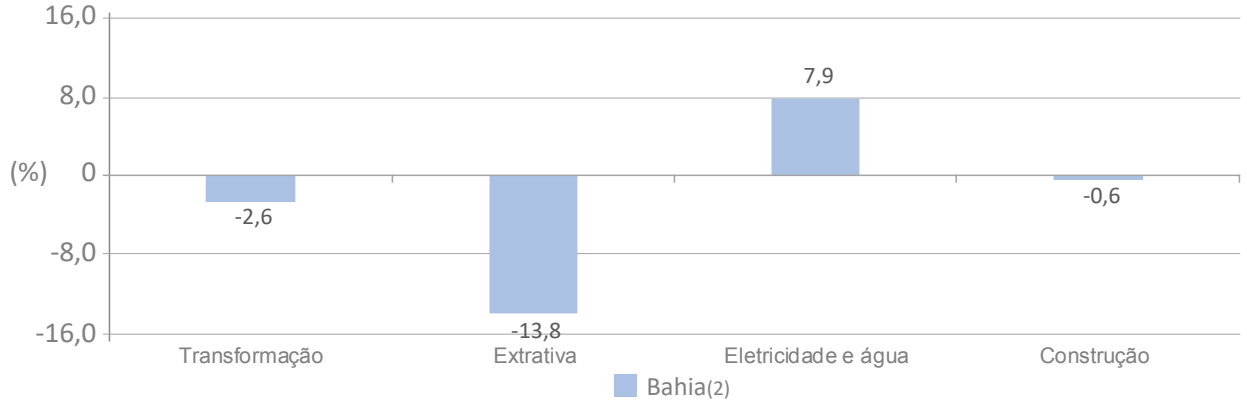
**Gráfico 1**
**Variação dos setores do Produto Interno Bruto – Bahia – 2º trim. 2023(1)**




Fonte: SEI (2024).
Elaboração: SEI/Distat/Coref.
Notas: (1) Variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.
(2) Dados sujeitos a retificação.

O crescimento em volume do setor **agropecuário** baiano no segundo trimestre do ano foi de 4,0%, com destaque para as taxas de crescimento da mandioca, do milho e da soja. A taxa em volume do setor **industrial** baiano no segundo trimestre do ano foi de -1,2%. Apenas a atividade de *Eletricidade e água* apresentou um resultado positivo no período (+7,9%), em função tanto do aumento da geração elétrica, particularmente de fontes eólicas, quanto do consumo de energia. As demais atividades industriais tiveram resultados negativos em comparação ao segundo trimestre do ano anterior*: Indústria de transformação* (-2,6%); *Indústrias extrativas* (-13,8%) e *Construção* (-0,6%).

**Gráfico 2**
**Variação das atividades da Indústria – Bahia – 2º trim. 2023(1)**

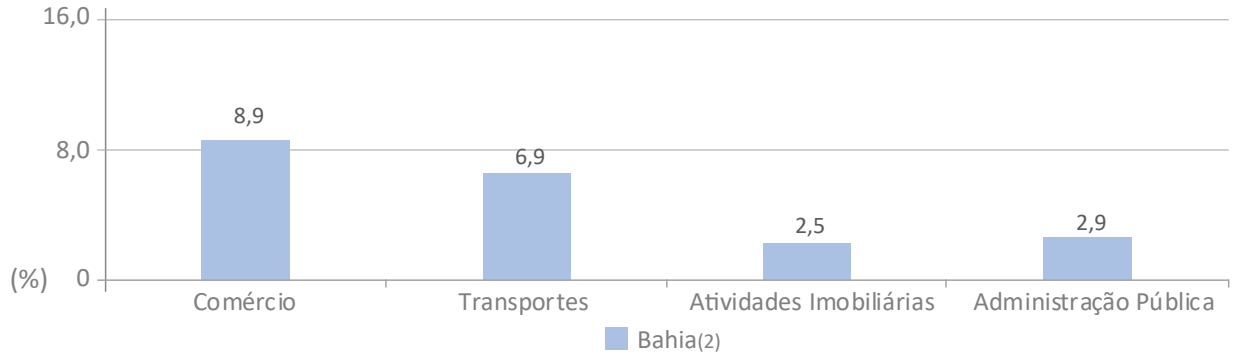



Fonte: SEI/IBGE (2023).
Elaboração: SEI/Distat/Coref.
Notas: (1) variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.
(2) dados sujeitos a retificação.

O setor de **Serviços** do estado expandiu 4,9% no segundo trimestre de 2023. As principais atividades do setor cresceram com relação ao mesmo período de 2022. Destaque para o *Comércio*, segunda atividade mais importante dentro da economia baiana, com taxa de 8,9%. Também contribuíram com o crescimento a alta no volume da atividade de *Transportes* (+6,9%) e as *Atividades imobiliárias* (+2,5%). Já a *Administração pública*, atividade extremamente relevante no estado, obteve crescimento de 2,9%, enquanto o segmento *Outros serviços*[2] registrou alta de 4,7%.

2 Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços Domésticos.

**Gráfico 3**
**Variação das atividades de Serviços – Bahia – 2° trim. 2023(1)**

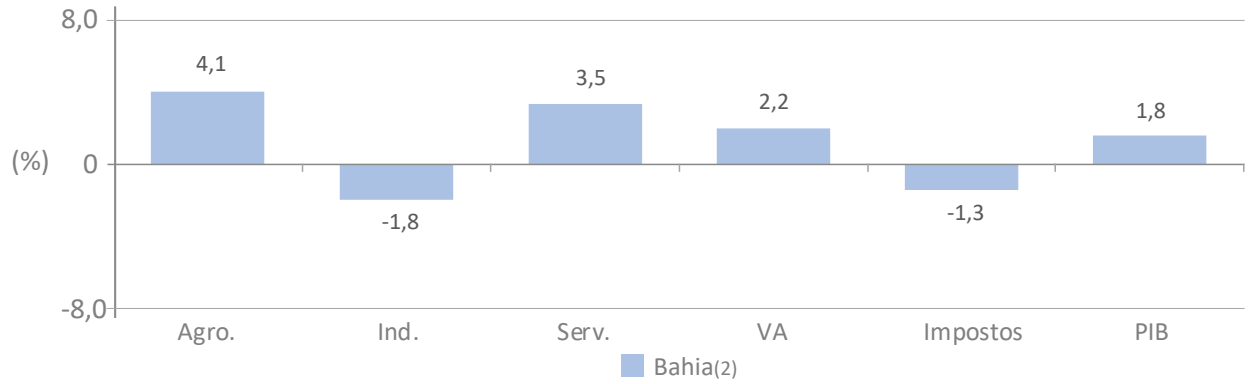



Fonte: SEI/IBGE (2023).
Elaboração: SEI/Distat/Coref.
Notas: (1) variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.
(2) dados sujeitos a retificação.

**Primeiro semestre 2023 / primeiro semestre 2022 (janeiro a junho)**

O **PIB baiano** acumulado de janeiro a junho de 2023 registrou expansão de 1,8% (diante do observado no primeiro semestre de 2022). O Valor Adicionado (VA) cresceu 2,2%, enquanto os impostos sobre produtos líquidos de subsídios recuaram 1,3%. A **Agropecuária** variou 4,1%, a **indústria** recuou -1,8%, e os **Serviços** cresceram 3,5%. O destaque positivo no semestre ficou por conta do setor de *Serviços, impulsionado* pela acentuada expansão do *Comércio* (+5,6%) e dos *Transportes* (+8,2%) nos seis primeiros meses do ano.

**Gráfico 4**
**Variação dos setores do Produto Interno Bruto – Bahia – 1º sem. 2023(1)**

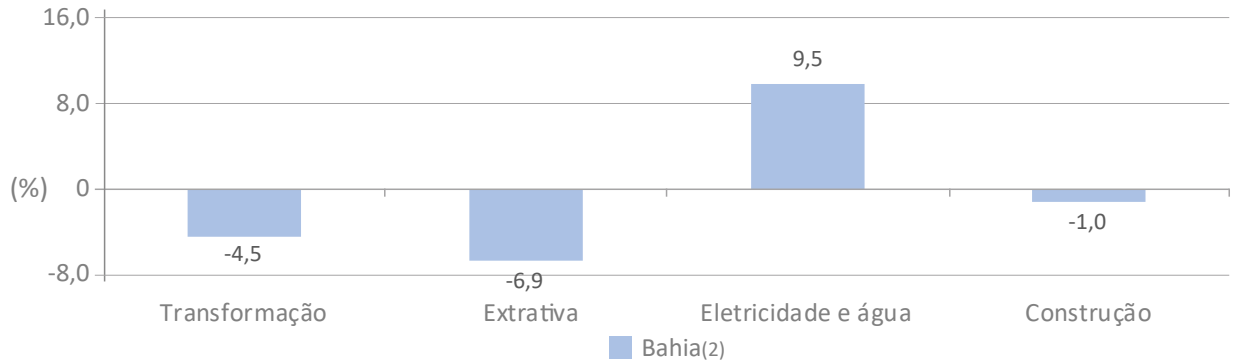



Fonte: SEI/IBGE (2023).
Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.
Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.
(2) Dados sujeitos a retificação.

Segundo os dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI, o VA do setor **agropecuário** cresceu 4,1% nos seis primeiros meses de 2023, ante o mesmo período do ano anterior. Em contrapartida, o VA do setor **industrial** baiano registrou queda em volume de 1,8% no primeiro semestre do ano em relação ao mesmo período de 2022, influenciada por três das quatros atividades que compõem o setor: *Transformação* (-4,5%), *Extrativa* (-6,9%) e *Construção* (-1,0%). A única atividade a registrar crescimento foi *Eletricidade e água* (+9,5%).

Além do ramo *Extrativo*, os demais segmentos da *Indústria de transformação* que registraram queda foram: *Produtos químicos, Celulose, papel e produtos de papel, Derivados de petróleo, Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, Borracha e material plástico* e *Minerais não metálicos*. Em contrapartida, o resultado positivo ficou por conta de *produtos alimentícios; metalurgia; couro, artigos para viagem e calçados*; e *bebidas*.

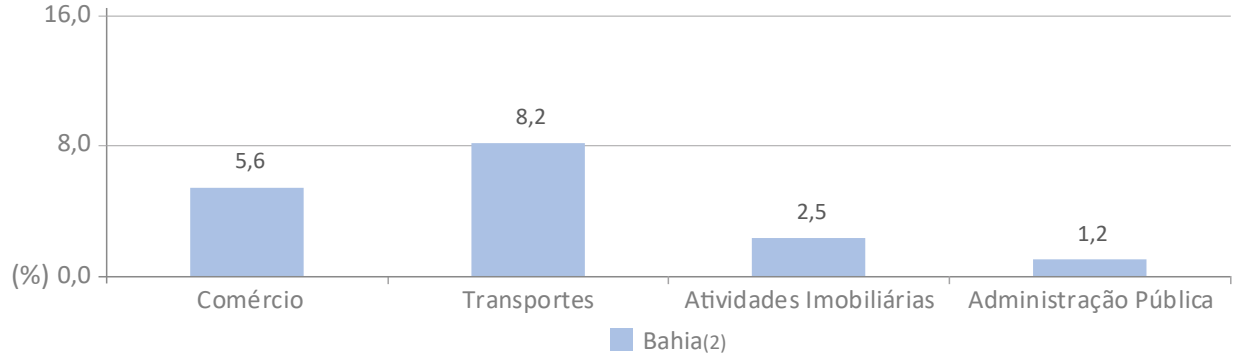
**Gráfico 5**
**Variação das atividades da Indústria – Bahia – 1º sem. 2023(1)**




Fonte: SEI/IBGE (2023).
Elaboração: SEI/Distat/Coref.
Notas: (1) variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior;
(2) dados sujeitos a retificação.

No que tange ao VA do setor de **Serviços**, observou-se crescimento em volume de 3,5% no primeiro semestre de 2023, ante o mesmo período do ano anterior, influenciado pelas altas em *Comércio* (+5,6%), *Transportes* (+8,2%), *Atividades imobiliárias* (+2,5%) e *Administração pública* (+1,2%). O segmento *Outros serviços* também acumulou crescimento de 8,0%.

**Gráfico 6**
**Variação das atividades de Serviços – Bahia – 1º sem. 2023(1)**




Fonte: SEI/IBGE (2023).
Elaboração: SEI/Distat/Coref.
Notas: (1) variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.
(2) dados sujeitos a retificação.

No primeiro semestre de 2023, os indicadores de desempenho do Comércio varejista ampliado evidenciam o crescimento no acumulado do ano. Destaque positivo para *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, que avançou no semestre, influenciado pela deflação nos preços dos alimentos. Dentre os segmentos com variação positiva e maior ponderação nas atividades comerciais estão: *Combustíveis e lubrificantes*; *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo;* e *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos.*

# MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
*luizlobo@sei.ba.gov.br*

No tocante à situação do emprego e da renda, apesar de alguns resultados favoráveis, permanecem algumas incertezas. Por exemplo, é natural questionar se o mercado de trabalho seguirá a rota de recuperação recente e se continuará avançando em ritmo semelhante ao observado no ano anterior. Essas dúvidas surgem devido a uma menor magnitude de alguns avanços recentes, o que pode indicar perda de força no processo de melhoria de alguns indicadores e, consequentemente, do mercado de trabalho em geral – situação, entretanto, que ainda não está consolidada. Por ora, alguns entendimentos se mantêm. Quanto a isso, tudo indica que o progresso do mercado de trabalho daqui em diante, depois de praticamente esgotada a fase de reabilitação após a última crise, vai depender muito mais do desempenho da economia como um todo. Nesse contexto, resta saber se o dinamismo econômico se dará em amplitude suficiente para abarcar uma evolução mais consistente do mercado de trabalho. Por enquanto, as conclusões não mudaram muito em relação àquelas com base nos dados do trimestre anterior: os principais indicadores do mercado de trabalho devem continuar melhorando ao longo de 2023, mas os avanços tendem a ocorrer de forma relativamente mais comedida que outrora – percepção que pode mudar com o passar dos meses.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADContínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), se constituem nos principais elementos a subsidiar a construção deste texto, o qual visa expor, sem se constituir em uma análise aprofundada, as principais informações da conjuntura recente do mercado de trabalho baiano, contrapondo tais estatísticas com as das realidades nacional e regional quando se mostrar interessante.

De acordo com os dados do Caged, de abril a junho de 2023, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no estado ampliou-se, em decorrência do surgimento de 29.255 novos postos de trabalho. Ao fim do segundo trimestre de 2023, portanto, a Bahia passou a contar com 1.952.504 vínculos celetistas ativos, uma elevação de aproximadamente 2,68% sobre o quantitativo de 1.901.549 empregos do início do ano (estoque de referência). Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia concentrava, respectivamente, 27,46% e 4,49% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e com o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Na Bahia, ao contrário dos trimestres de referência, houve constatações distintas. No comparativo com o primeiro trimestre de 2023, período que evidenciou uma geração líquida de 21.700 vagas, a apuração do segundo trimestre mostrou-se superior. Por sua vez, no mesmo trimestre do ano anterior, o saldo revelou-se menor, já que a ocupação com carteira assinada havia incorporado 47.297 novos vínculos à época.

Assim, no estado da Bahia, o dado trimestral mais recente indica saldo de 29.255 novos postos de trabalho. Apesar de uma ampliação pontual do nível de emprego e da tendência de revigoramento do mercado de trabalho local, sendo o segundo trimestre seguido com expansão, há dúvidas de que a absorção líquida de trabalhadores pelo polo protetivo continuará a crescer daqui para frente, já que os dados apontam enfraquecimento na comparação com o mesmo período do ano anterior.

No que se refere aos resultados mensais, a dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em todos os meses do segundo trimestre de 2023 na Bahia. O mês de abril registrou o maior saldo no período, com 11.584 novas vagas, marcando o melhor desempenho do ano desde setembro de 2022. Os meses de maio e junho tiveram excedentes menos destacados: 9.352 e 8.319 novos postos, respectivamente.

A análise mensal, por sua vez, também avalia a robustez futura da geração de postos de trabalho. Afinal, apesar de positivos, os números mostraram-se decrescentes ao longo do segundo trimestre de 2023, diferentemente do observado nos meses iniciais do ano, quando a geração de empregos formais ganhou força mês a mês. Além do mais, vale salientar, todos os meses do referido intervalo evidenciaram saldo inferior ao de um ano atrás.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo, no agregado dos meses de abril a junho de 2023, com 493.248 postos a mais. Ademais, todas as regiões ampliaram o número de postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sudeste (+282.770 postos) registrou o melhor desempenho, enquanto o Norte (+38.631 postos) exibiu o cenário menos favorável. Entre as unidades da Federação, houve surgimento líquido de emprego em 24 delas no trimestre analisado. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 29.255 oportunidades ocupacionais, ficou na quarta posição, quatro colocações acima da verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia contabilizou o melhor resultado absoluto, enquanto Ceará (+14.051 postos) e Alagoas (-10.492 vagas) exibiram, respectivamente, o segundo maior e o menor saldo regional no segundo trimestre.

O crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia no segundo trimestre de 2023 alcançou quatro dos cinco grandes estratos setoriais. O setor de Serviços destacou-se com o desempenho mais proeminente: a contratação líquida de 17.582 trabalhadores no período. O setor da Indústria geral, com 4.884 novos contratos, também indicou um saldo relativamente significativo, registrando o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com resultados positivos menos notáveis, vieram a Agropecuária (+4.726 postos) e o Comércio (+3.126 vagas). Assim, portanto, a Construção foi o único segmento com encolhimento do nível de emprego, contabilizando uma perda líquida de 1.063 vínculos.

Segundo o levantamento da PNADContínua, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 13,4% no segundo trimestre de 2023. Trata-se da menor estimativa desde a do quarto trimestre de 2015 (12,4%), e da menor para um segundo trimestre desde 2015 (12,8%). No movimento mais recente, após ter iniciado o ano com aumento na margem (comportamento recorrente em todo começo de ano no estado), a taxa de desocupação voltou a recuar, saindo de 14,4% para 13,4%, do primeiro ao segundo trimestre– um encolhimento de 1,0 ponto percentual, revertendo levemente a alta ocorrida no trimestre antecedente e reforçando as chances de um novo roteiro descendente. Apesar dessa oscilação para baixo, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (13,4%) continuou bem acima de seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013 (9,1%) – lembrando que seu pico ocorreu no primeiro trimestre de 2021, quando atingiu 21,7% da força de trabalho local. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2022, quando o indicador foi estimado em 15,5%, também houve decrescimento, com a taxa mais recente ficando 2,1 pontos percentuais abaixo.

Além da Bahia, outras 24 unidades da Federação apresentaram contração na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação) – no caso, duas apresentaram variação para cima (Amapá e Pernambuco). A maior redução absoluta ocorreu no Distrito Federal (de 12,0% para 8,7%). Nesse contexto, após cinco trimestres consecutivos (ou seja, do primeiro trimestre de 2022 ao mesmo intervalo de 2023), a Bahia não mais detém a maior estimativa – agora o indicador do estado ocupa o segundo maior entre as unidades federativas do país. A maior taxa de desocupação foi observada em Pernambuco, de 14,2%. Em contrapartida, Rondônia (2,4%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual mais de cinco vezes acima do observado no território rondoniense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram, respectivamente, em 8,0% e 11,3%.

No intervalo em análise, em relação ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou alta na ocupação (+2,4% ou mais 139 mil ocupados) e queda na desocupação (-6,3% ou menos 62 mil desocupados),sendo que a ocupação voltou a expandir após ter recuado, enquanto a desocupação diminuiu após ter aumentado. Dessa forma, em relação ao intervalo antecedente, a ampliação da ocupação combinada com a retração do número de desocupados resultou numa contração da taxa de desocupação no estado no trimestre mais recente. O movimento descendente da taxa de desocupação nessa base comparativa, portanto, esteve atrelado tanto ao aumento do número de pessoas ocupadas quanto ao encolhimento do total de indivíduos sem trabalho e que estavam à procura de emprego. No comparativo interanual, por sua vez, houve redução tanto de pessoas trabalhando (-0,1% ou menos 5 mil ocupados) quanto de pessoas procurando por trabalho (-15,6% ou menos 172 mil desocupados).

O contingente de ocupados na Bahia, no conjunto dos meses de abril a junho de 2023, com 6,032 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, apesar da expansão na margem, ainda se revelou menor do que o registrado no trimestre final de 2022 (6,052 milhões). Esse número, entretanto, encontra-se muito acima do menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos ocupados no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de covid-19). Esse montante, porém, já foi de 6,451 milhões, quando em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada, composta por 932 mil indivíduos, reforçada pela retração na margem, revelou o menor número de baianos desocupados desde o estimado para o quarto trimestre de 2015 (889 mil) – já tendo sido, todavia, de 634 mil indivíduos no trimestre de encerramento de 2013, melhor marca da série no estado. Por fim, após ter crescido por três intervalos consecutivos, o número de pessoas fora da força de trabalho caiu, chegando a 5,166 milhões. Apesar da oscilação favorável, tal quantitativo ainda mantém o alerta, já que se encontra num patamar maior do que qualquer outro anterior à pandemia, com potencial para repercutir negativamente na desocupação, caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que, porventura, voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Na Bahia, no trimestre mais recente, comparativamente ao imediatamente anterior, após dois recuos em sequência, o número de informais aumentou pela segunda vez consecutiva. O quantitativo de formais, por sua vez, aumentou após ter retraído. A expansão do montante de formais (+129 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude bem maior do que a alta da ocupação na informalidade (+9 mil pessoas). Ou seja, a ampliação atual da ocupação no estado ocorreu majoritariamente pelo canal da formalidade, o que acarretou a diminuição do grau de informalidade na margem. Assim, nesse contexto de incorporação de trabalhadores, principalmente ao polo protetivo, o aumento geral da ocupação terminou assumindo um

caráter ainda mais benigno, já que favoreceu o estrato do mercado de trabalho que tende a ter empregos de maior qualidade e de mais garantias. Por fim, o período de abril a junho de 2023 contabilizou 3,176 milhões de ocupados na informalidade e 2,856 milhões na formalidade. O patamar de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 52,7% (ante 53,7% no primeiro trimestre de 2023), o quarto maior do país. No Brasil como um todo, 39,2% dos trabalhadores encontravam-se na informalidade nesse mesmo período.

No segundo trimestre de 2023, o rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas na Bahia foi estimado em R$ 1.836 – o mais baixo entre as unidades federativas (empatado com o do Maranhão, também estimado em R$ 1.836). Dessa maneira, o rendimento médio baiano mostrou-se equivalente a, respectivamente, 62,9% e 92,4% da média dos rendimentos brasileiro e nordestino, que foram, em ordem, de R$ 2.921 e de R$ 1.986 no referido trimestre. Em relação ao mesmo intervalo de 2022, quando estava em R$ 1.780 (segundo menor valor da série), houve alta de 3,2% (ou seja, mais R$ 56), a terceira expansão consecutiva após oito retrações seguidas nessa base de comparação. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R$ 1.905, ocorreu uma variação negativa de 3,6% (menos R$ 69), indicando recuo após três altas consecutivas.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R$ 10,771 bilhões, significando uma diminuição de 1,5% ante o do primeiro trimestre do ano (de R$ 10,934 bilhões) e uma elevação de 3,4% no comparativo com o total do mesmo período do ano antecedente (cujo valor havia sido de R$ 10,413 bilhões). A Bahia, assim, no segundo trimestre do ano, concentrou, respectivamente, 3,8% e 25,2% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina. Enfim, após ter aumentado cinco vezes consecutiva, a massa de rendimento real recuou na margem, uma queda decorrente do decrescimento do rendimento médio real, já que houve ampliação da população ocupada nessa base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a alta recente significou a sexta expansão consecutiva, mas, depois de um período com sete quedas em sequência, a alta, por sua vez, decorreu do aumento do rendimento médio real de todos os trabalhos, já que a ocupação sofreu um ligeiro encolhimento.